Manutenção de significados: proposta de continuidade da Escola de Educação Básica Lauro Muller

Geovana de Souza Machado

Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC
Departamento de Arquitetura e Urbanismo
Orientador: Eduardo Westphal
Caderno de TCC II
Florianópolis, dezembro de 2023

Índice

01 Introdução
02 Os Grupos Escolares no Brasil
03 Os Grupos Escolares em Santa Catarina
04 O Grupo Escolar Lauro Muller
05 Transformações do Entorno (1912-2002)
06 Histórico de Reformas da Edificação
07 Levantamento da Arquitetura Existente
08 Planta Baixa - Pavimento Térreo - Levantamento
09 Planta Baixa - Pavimento Superior - Levantamento
10 Fotos das Visitas Técnicas - Bloco de 1912 e Entrada da Escola
11 Fotos das Visitas Técnicas - Blocos da Década de 50 e Anos 2000
12 Relatos - Entrevistado 1
13 Relatos - Entrevistado 2 e Escalas Semânticas
14 Dados gerais sobre a escola
15 Diretrizes para a intervenção
16 O projeto
17 Escala Urbana
18 Programa e Materialidade
19 Permanência e renovação
20 Nível da Rua
21 Planta Baixa - Nível da Rua
22 Térreo
23 Planta Baixa - Térreo
24 Planta Baixa - Pavimento Superior
25 Cortes
26 Acessibilidade
27 Referências

Introdução

Escondida atrás de um muro de mais de três metros de altura no centro de Florianópolis, existe uma escola pública fechada. Mais uma na região. Independente do concorrido sorteio de vagas que acontece todos os anos na rede estadual de ensino, foram fechadas as escolas Antonieta de Barros em 2008, Silveira Souza em 2009 e, por fim, a Lauro Muller em 2019. Cada uma dessas escolas deixaram marcas na memória de muitas pessoas e tiveram papéis importantes na educação que deveriam ser continuados. Porém, com a Lauro Muller, o golpe foi ainda mais baixo. Não era uma escola qualquer, mas sim símbolo de uma época que colocou a educação como protagonista das transformações sociais.

Hoje, ao perguntar ao cidadão comum como podemos chegar a uma sociedade melhor, por mais subjetiva que seja a definição, não é raro que ele responda: Educação. Porém nem sempre foi assim. As escolas, como as conhecemos, surgem apenas no início do século passado em Santa Catarina. Dos salões paroquiais e salas alugadas, onde se ensinava, sem obrigação, os conhecimentos mínimos de leitura e escrita para a vida cotidiana, a educação é transferida para construções suntuosas em locais privilegiados da cidade. Surge a educação pública, gratuita e obrigatória e junto com ela as salas de aula, o quadro negro e os materiais didáticos. Isso não aconteceu por acaso. Havia transformações políticas e sociais intensas por trás desse processo. As cidades e indústrias cresciam em todo o país e a demanda pela formação, não só de mão de obra, mas de conhecimentos e visões de mundo que dessem suporte a essa nova realidade crescia junto.

Nessa grande reforma do ensino, é fundado o Grupo Escolar Lauro Muller junto com mais seis escolas em Santa Catarina. Diferente das demais, essa escola deveria cumprir o papel de laboratório das novas técnicas de ensino. Sob o título de escola modelo para a difusão do ensino público, recebeu especial atenção dos gestores da época. A escola contou com os melhores mobiliários e materiais didáticos disponíveis e a sua arquitetura todas as técnicas necessárias para um ambiente agradável e estimulante para os alunos. Dessa forma, conquistou o prestígio frente à sociedade da época e se tornou símbolo do papel transformador que a educação agora passava a exercer.

A crença no papel transformador da educação se mantém no senso comum, por mais que o sentido dessa transformação permaneça em disputa. Porém, ao entrar em uma escola pública hoje, nos deparamos com uma grande contradição. Materiais didáticos defasados, poucos professores, infraestrutura precária e uma arquitetura monótona e desestimulante não condizem com a expectativa depositada nesses espaços. Isso nas que ainda permanecem em funcionamento. Nesse sentido, o fechamento da Escola de Educação Básica Lauro Muller, antigo Grupo Escolar Lauro Muller, ignorando manifestações expressivas da comunidade, constituiu-se em um ataque agressivo à educação. Não se perdeu acesso apenas a vagas escolares, perdeu-se acesso à memória do que um dia esse espaço representou.

Com essas inquietações em mente, pretende-se com este Trabalho de Conclusão de Curso de Arquitetura e Urbanismo desenvolver uma proposta de requalificação da Escola de Educação Básica Lauro Muller visando a retomada do seu uso escolar, além de contribuir para o registro da memória da escola e da sua arquitetura. Será abordada primeiramente a trajetória dos grupos escolares no Brasil e no Estado de Santa Catarina, bem como a fundação do Grupo Escolar Lauro Muller nesse contexto. Em seguida, buscou-se fazer uma análise das transformações ocorridas na sua arquitetura e no entorno urbano ao longo dos 107 anos de funcionamento da instituição por meio de levantamento realizado in loco e registros históricos. De forma a subsidiar a proposta de intervenção, são discutidas também as percepções de ex-alunos e dados do censo escolar realizados antes do fechamento da escola. Por fim, é apresentada a proposta de readequação do espaço.

Os Grupos Escolares no Brasil

Em 1889, o Brasil passava por uma importante transformação política: o país deixava de ser uma monarquia e assumia o regime republicano. Junto com essa transição, acontece também uma mudança de paradigma para a história da educação brasileira: foi o primeiro momento em que o Estado passou a se responsabilizar pelo ensino da população e se institucionalizou a escola graduada.

Anterior a esse período, durante o Império, os espaços educacionais se resumiam às escolas de ler e escrever, as quais funcionavam muitas vezes em lugares inadequados, como a extensão da casa do professor ou em salas paroquiais pouco iluminadas e ventiladas. Além disso, possuíam um método de ensino individualizado, na medida em que o professor, possuidor de certo conhecimento, mas sem preparo pedagógico específico, ensinava individualmente alunos de diversas idades e níveis diferentes de aprendizado em uma mesma sala de aula. Essa característica, somada à ausência de diretrizes e parâmetros de aprendizado, fazia com que o tempo conclusão do ensino fosse delimitado pelo término do conteúdo que o professor tinha a oferecer, pelo ritmo do aluno ou mesmo pela livre decisão do mestre (BUFFA; PINTO, 2002).

Vale lembrar que, nesta época, a atividade econômica essencial do país era a agricultura para exportação e a mão de obra predominante era a escrava. Assim, deve-se ter em mente que o ensino nas escolas de ler e escrever destinava-se a uma parcela limitada de trabalhadores urbanos, que também podiam ser alfabetizados em casa por familiares, já que a educação básica ainda não era obrigatória. Às elites, eram destinadas escolas particulares confessionais ou leigas ou professores particulares em casa (BUFFA; PINTO, 2002).

Recebendo influências das transformações que vinham acontecendo no ensino elementar nos Estados Unidos e Europa, políticos republicanos passam a defender a difusão da escola primária e a formação de professores para elas. Essas escolas por sua vez deveriam seguir diretrizes de ensino claras e orientadas para o bom funcionamento da sociedade urbana em expansão no país. Além disso, os conteúdos ensinados se relacionavam com os ideais de ordem e progresso do regime republicano, o qual vê na escola uma forma de se consolidar na sociedade (BUFFA; PINTO, 2002). São inseridas, por exemplo, as disciplinas de geografia, história nacional e educação cívica.

Segundo Nóbrega (2003), a educação moderna também se apoiava no prédio escolar. Com a necessidade de organização dos alunos em séries, surgem as salas de aula semelhantes às utilizadas atualmente. A fim de viabilizar o ensino simultâneo, são criados o quadro-negro e cadeiras individuais e coletivas adequadas à ergonomia das crianças. Essas invenções permitiram que apenas um professor fosse capaz de transmitir o conteúdo, especialmente nas matérias que dependiam de demonstrações, como resoluções matemáticas ou escritas, para uma série de alunos ordenados espacialmente na sala de aula de forma a estarem sempre voltados para o mestre.

Outra inovação da educação moderna foi a introdução dos materiais didáticos, os quais eram essenciais ao ensino intuitivo, também conhecido com “lição das coisas” (NÓBREGA, 2003). Esse método pregava que o aluno deveria partir da percepção sensorial do objeto concreto a ser estudado ou da sua representação material para posteriormente chegar a sua abstração e conceituação. É interessante ressaltar que nesse período foi introduzido o estudo das ciências naturais, matéria que vai se beneficiar muito de ferramentas como o globo terrestre e os quadros temáticos.

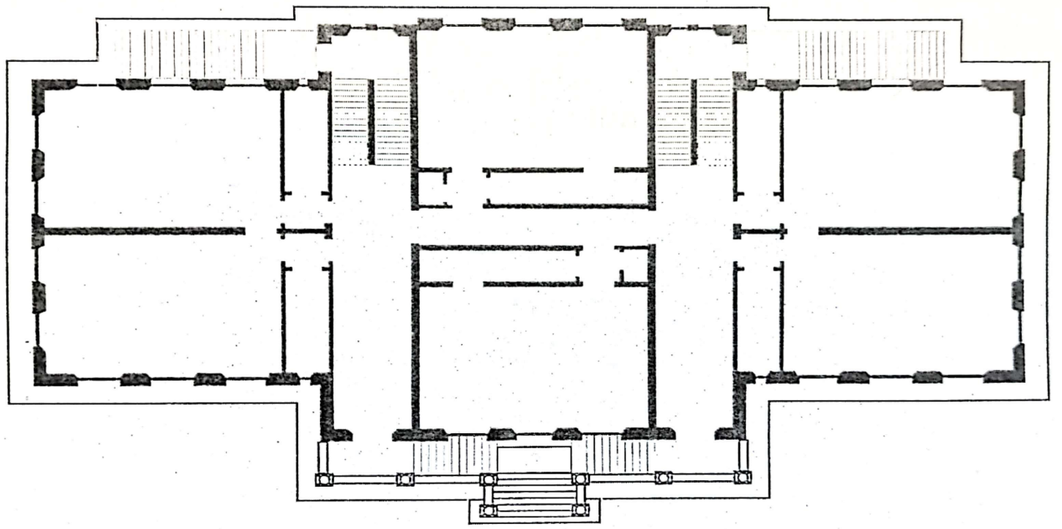
A necessidade de novos edifícios que atendessem à educação moderna motivou a construção de edifícios imponentes para abrigá-la. As escolas seriadas, denominadas na época de Grupos Escolares, estreitaram a relação entre arquitetura e escola, o que resultou em edifícios com características próprias para o ensino. Além da organização das turmas em salas de aula, também são solicitados espaços administrativos, salas para os professores, espaços recreativos e salas especiais que dessem suporte à “lição das coisas”, como museus, laboratórios e bibliotecas. O conforto ambiental também é priorizado como forma de impulsionar o aprendizado. A maioria dos grupos escolares contava com pé-direito duplo e grandes janelas de vidro nas salas de aula para iluminação natural e ventilação cruzada através das esquadrias ventiladas para assegurar a qualidade do ar. Por haver a divisão das turmas por sexo, a organização da escola costumava ser simétrica e dividida em alas, uma feminina e outra masculina. O prestígio concedido aos grupos escolares fez com que fosse comum o emprego de materiais nobres, às vezes importados, para os acabamentos arquitetônicos e mobiliários. Foram aplicados também os estilos neoclássico e eclético. (BUFFA; PINTO, 2002)

A significação da escola como símbolo da modernidade e a difusão do ensino intuitivo fizeram com que os grupos escolares fossem implantados em locais privilegiados da cidade. A escolha do terreno buscava integrar a escola moderna aos principais edifícios e espaços públicos do núcleo urbano, como prefeitura, Igreja Matriz, praça central e edifícios dos poderes legislativos e judiciário. Assim, o aluno podia reconhecê-los no caminho percorrido da casa à escola.

O maior número de escolas desse período se concentrou em São Paulo, onde a economia cafeeira florescia. No estado paulista, os primeiros grupos escolares foram criados nas cidades com maior poder econômico e interligadas pela malha ferroviária. Assim, em 1914, São Paulo já contava com 148 grupos escolares (TEIVE; DALLABRIDA, 2011) e influenciou a reforma na educação e a arquitetura dos novos edifícios escolares em todo o país.

Escola Modelo da Luz, nomeada mais tarde GE Prudente de Moraes - Av. Tiradentes, São Paulo (Itau Cultural, Acesso em 2023)

Planta baixa da Escola Modelo da Luz (Fonte: BUFFA; PINTO, 2003)



Os Grupos Escolares em Santa Catarina

Reforma Orestes Guimarães

Desde o início do século XX, as administrações catarinenses já demonstravam interesse em reformar o sistema de ensino do estado nos moldes paulistas e em 1904 era previsto auxílio aos municípios que desejassem construir escolas segundo esses parâmetros. Entretanto, até 1911, somente o Município de Joinville tomou a iniciativa e fundou em 1907 o "Collegio Municipal de Joinville". Para auxiliar na implantação da pedagogia moderna e nos planos para a reforma educacional do estado, foram chamados professores e educadores paulistas, entre eles Orestes Oliveira Guimarães, que a princípio foi indicado para diretor da nova escola em Joinville e posteriormente como Inspetor Geral da Instrução Pública do Estado em 1910 durante o Governo de Vidal Ramos. (NÓBREGA, 2003)

Os três anos que seguiram foram marcados pela estruturação dos Grupos Escolares e das Escolas Normais no estado e ficaram conhecidos como a Reforma Orestes Guimarães. Sob a liderança desse educador foram difundidos os Grupos Escolares nos principais centros urbanos, sendo o primeiro deles o próprio "Collegio Municipal de Joinville" que foi reformado e reinaugurado em 1911 com o novo nome de Grupo Escolar Conselheiro Mafra.

Como não havia recursos para a implantação do ensino público e obrigatório em todas as localidades, foram estabelecidos no regulamento da instrução pública os requisitos para a criação de Grupos Escolares. Assim, seria levada em conta a densidade da população em idade escolar (7 a 14 anos) e os municípios que disponibilizassem prédio ou terreno para a construção da escola teriam prioridade. Além disso, foi definido que o ensino seria público e obrigatório apenas em um raio de 2 quilômetros dos centros urbanos, enquanto o ensino privado podia ser exercido livremente (NÓBREGA, 2013). Desta forma, foram excluídas da reforma as zonas rurais e, como historicamente Santa Catarina é marcada pela descentralização urbana, os primeiros Grupos Escolares foram construídos nas cidades-polo de cada região catarinense na seguinte ordem conforme o mapa.

O regulamento também previa o número desejável de alunos para cada cidade sede de um grupo escolar. O numero de alunos matriculáveis deveria ser de 300, ou seja, 150 alunos de cada sexo, e no mínimo 140 alunos frequentes. Em caso de grande demanda o regulamento previa a possibilidade do desdobramento das classes, que poderiam funcionar em dois períodos.

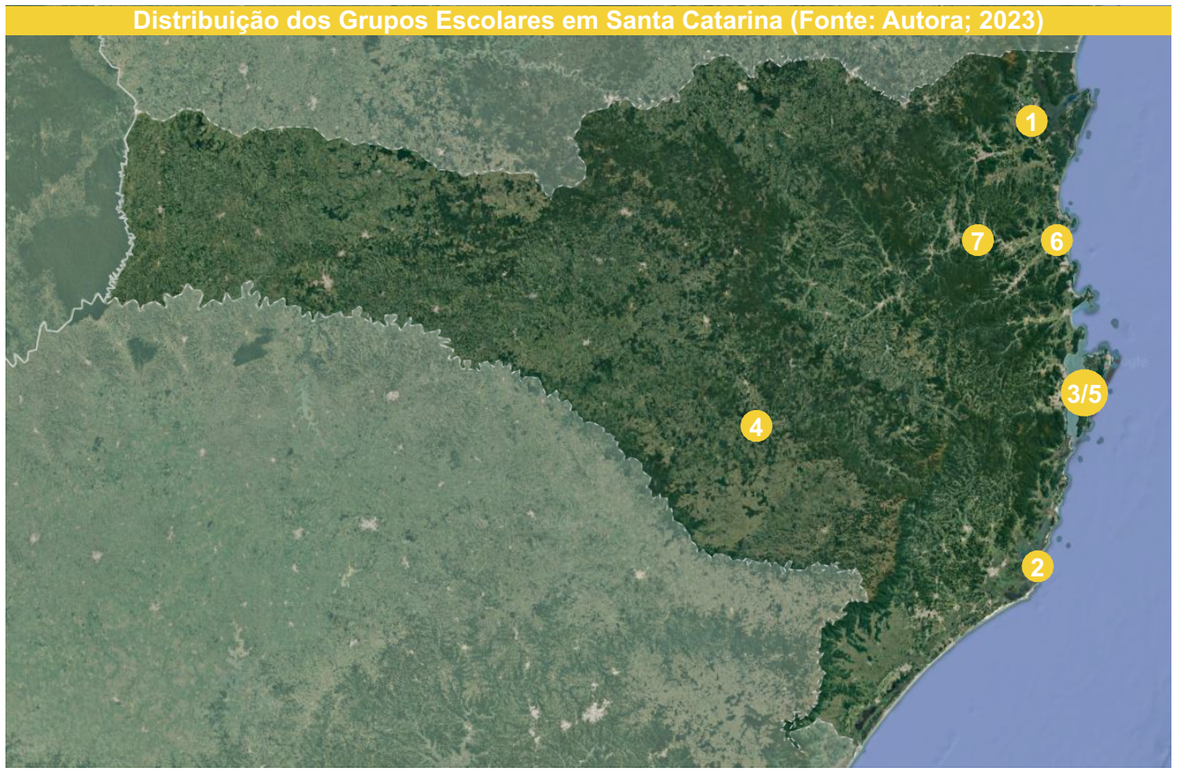
Escola e Sociedade: O Contexto Catarinense

Em Santa Catarina, a difusão dos grupos escolares buscou atender a certas demandas sociais específicas da época, entre elas a nacionalização das colônias de imigrantes do estado, sobretudo as de origem alemã. Antes mesmo da Primeira Guerra mundial (1914-1918), já havia no Brasil a preocupação com o expansionismo alemão, devido às tentativas de invasão das tropas alemãs em algumas colônias francesas na África (NÓBREGA, 2003).

Outra questão latente na política catarinense, que buscou respaldo nos Grupos Escolares, foi o disciplinamento das camadas populares por meio da difusão de concepções de ordenamento e subordinação. Vale lembrar que, durante a Primeira República (1889-1930), ocorreu uma série de revoltas populares no Brasil, dentre as quais a Guerra do Contestado em Santa Catarina. Como resposta, o estado passa a encarar a escola como um meio de inserir na população os conceitos de ordem e disciplina, entendidos como necessários ao progresso da nação e ao bom funcionamento da sociedade humana.

No cotidiano escolar, a disciplina e o nacionalismo eram expressos de várias maneiras, seja nas festas cívicas do calendário escolar, no hasteamento da bandeira ou no canto do hino nacional, que aconteciam diariamente antes das aulas, até o ordenamento das salas de aulas em fileiras e os castigos corporais para os alunos que não se submetiam às ordens dos professores. No currículo escolar, a matéria de educação moral e cívica e de história do Brasil são introduzidas para difusão do nacionalismo e do higienismo, entendido como regenerador do tecido social com um sentido civilizatório positivista, o que previa padrões de comportamento individual adequados a nova sociedade que a república buscava formar (NÓBREGA, 2003). Nestas aulas, as crianças são introduzidas a grandes nomes da política brasileira e catarinense, aprendem a como se portar em público e quais valores são necessários para serem bens cidadãos republicanos.

Distribuição dos Grupos Escolares em Santa Catarina (Fonte: Autora; 2023)



Legenda:

1. GE Conselheiro Mafra - Joinville (15/11/1911) (reinauguração)
2. GE Jerônimo Coelho - Laguna (10/12/1912)
3. GE Lauro Muller - Florianópolis (24/12/1912)
4. GE Vidal Ramos - Lages (20/05/1913)
5. GE Silveira Souza - Florianópolis (28/09/1913)
6. GE Victor Meirelles - Itajaí (04/12/1913)
7. GE Luiz Delfino - Blumenau (30/12/1913)

GE Silveira Souza em 1999 (Fonte: Casa da Memória)

GE Vidal Ramos, atual SESC Lages (Fonte: SESC; Acesso em 2023)

O Grupo Escolar Lauro Muller

Fundação da escola

O Grupo Escolar Lauro Muller, situado na Rua Marechal Guilherme no Centro de Florianópolis, foi fundado durante o governo de Vidal Ramos e foi um dos primeiros Grupos Escolares do estado. Apesar de a placa inaugural indicar a data de 21 de maio de 1912, segundo Teive e Dallabrida (2011), a escola teria sido fundada em 24 de maio de 1912, data escolhida pelo governador Vidal Ramos para homenagear a Batalha de Tuiuti, maior combate da Guerra do Paraguai vencido pelos aliados em 24 de maio de 1866. Sua abertura contou com a presença do próprio governador, do professor Orestes Guimarães, então Inspetor Geral do Ensino, e outros cidadãos ilustres locais e estaduais.

Essa escola possuiu papel de destaque durante a Reforma Orestes Guimarães, pois foi construída para ser a escola modelo para as demais. Tamanho foi o investimento nesta construção que a escola custou quase o dobro do que foi investido nos demais grupos escolares, entre gastos com construção, mobiliário e materiais escolares modernos (NÓBREGA, 2003). Por ser a escola-modelo, foi utilizada como campo de prática de ensino para a Escola Normal Catarinense e funcionou como sala de visita para educadores e diversas autoridades que, em suas visitas a Florianópolis, vinham admirar os avanços da educação moderna.

Inserção Urbana

A localização da escola reflete o destaque que foi conferido aos Grupos Escolares da época, uma vez que foi edificada sobre um terreno elevado em área nobre da cidade. À semelhança dos grupos escolares paulistas, o entorno da escola contém os principais prédios institucionais da época, como a Catedral Metropolitana, o Palácio do Governo (atual Museu Cruz e Souza) e os antigos prédios da Assembleia Legislativa de Santa Catarina (destruído por um incêndio em 17 de maio de 1956) e do Tribunal de Justiça do Estado, demolido em 1968 (VEIGA, 1993).

Observando fotos da época de fundação da escola, é possível assumir que esses edifícios institucionais eram visíveis de dentro da própria escola, em razão do nível do terreno e do piso acabado do interior das salas, além do baixo gabarito das residências do entorno. Isso vai ao encontro da tese de Ester Buffa e Gelson Pinto (2002), de que a localização dos Grupos Escolares republicanos buscava colocar a criança em contato com os principais símbolos da cidade e integrar a escola moderna ao núcleo urbano como representante da cultura popular. Assim, os alunos não apenas reconheciam os edifícios públicos a caminho da escola, mas também dentro dela integrando o cotidiano e a prática pedagógica vigente.

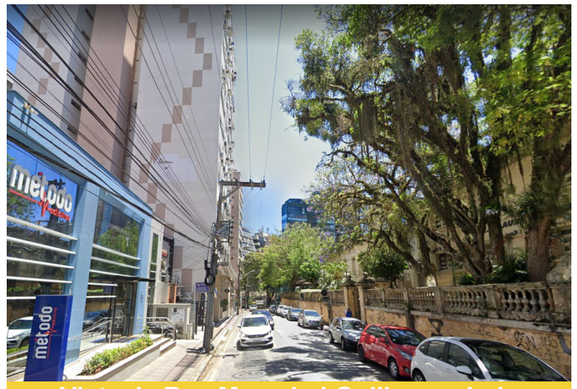
Vista da ala masculina do Grupo Escolar Lauro Muller em 1916 (Fonte: IHGSC)

Imagem aérea do centro de Florianópolis atualmente (Fonte: Autora, acesso em 2023)

Transformações do Entorno (1912-2002)

Vista da Rua Marechal Guilherme na década de 20 (Fonte: MESC)

A escola, que funcionou de 1912 até 2019, fica localizada na Rua Marechal Guilherme, onde tem sua fachada principal, e faz fundos com a Rua Santos Dumont no centro de Florianópolis. Como descrito anteriormente, sua localização foi estratégica do ponto de vista da época. Hoje, apesar de a maioria das referências que balizaram a decisão de implantá-la ali ainda existirem, mesmo que com usos diferentes, a paisagem do entorno foi alterada de forma significativa. Ainda que os Grupos Escolares tenham sido considerados escolas urbanas (NÓBREGA, 2013), até a década de 40 é possível contemplar em registros fotográficos um entorno praticamente rural a oeste e norte do edifício, a exemplo da Chácara Espanha (VEIGA, 1993). Ao estudar imagens de satélites de diferentes décadas, percebe-se o avanço da verticalização do centro e o seu adensamento, cujos padrões de desenvolvimento não respeitaram relações visuais e simbólicas pré-existentes. Tanto a escola quanto a Igreja Nossa Senhora do Rosário e São Benedito perdem a relação visual com o mar e edifícios importantes da época. A imponência da arquitetura do GE Lauro Muller, que buscava encantar a sociedade e seus alunos, perde-se em meio a um mar de edifícios de até 16 pavimentos, a ponto de algumas pessoas nem perceberem a existência da escola. Assim, para a permanência do edifício como patrimônio histórico e espaço educacional, considerar essas transformações e formas de integração entre escola e entorno é fundamental para trazer qualidade ao ensino e manter seu valor simbólico frente à sociedade.

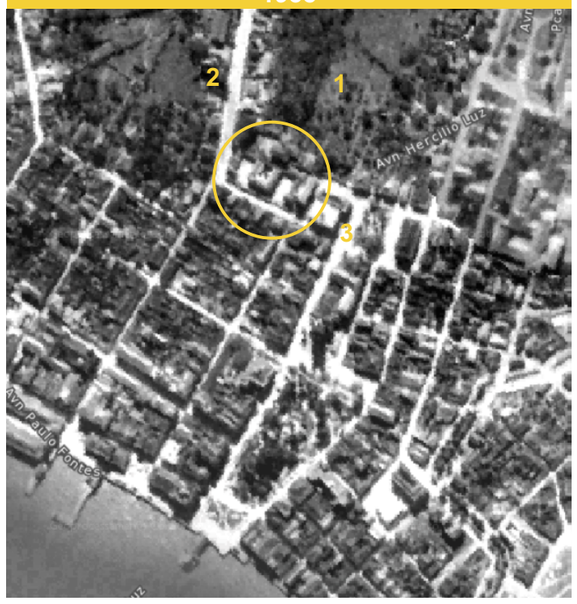


Vista da Rua Marechal Guilherme hoje (Fonte: Google Street View, Acesso em 2023)

ESPAÇO DA ESCOLA:
Três blocos escolares

ENTORNO:
Chácara Espanha (1) ainda rural e não loteada
Poucas casas ao longo da R. Pres. Nereu Ramos (2)
Grandes manchas rurais próximas à escola, principalmente ao norte e oeste do terreno.
Existência da Assembleia Legislativa (3) ao lado da Igreja Nossa Sra. do Rosário

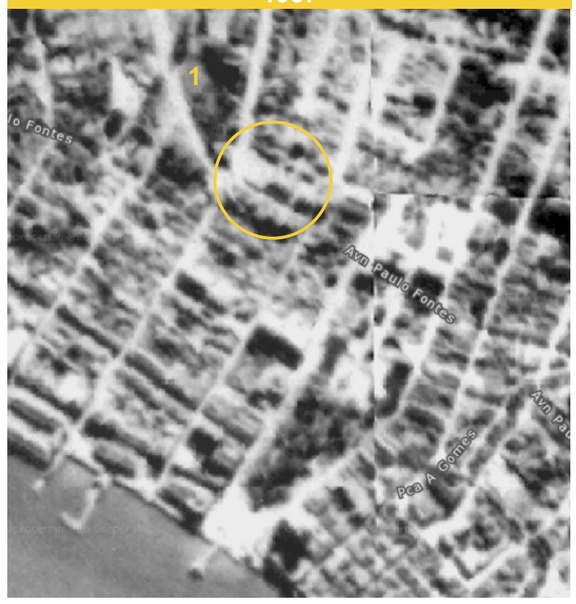
1938



ESPAÇO DA ESCOLA:
Retirada do bloco lateral esquerdo do terreno (seção masculina) e construção do bloco novo

ENTORNO:
Chácara Espanha loteada.
Poucas casas ao longo da R. Pres. Nereu Ramos
Surgimento da Av. Pref. Osmar Cunha (1) e encolhimento das manchas rurais próximas à escola

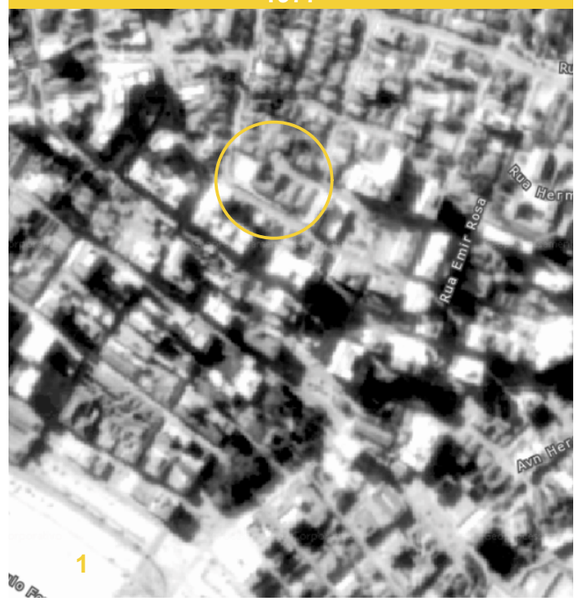
1957



ESPAÇO DA ESCOLA:
-

ENTORNO:
Chácara Espanha loteada e consolidada com caráter residencial unifamiliar.
Consolidação da Av. Pref. Osmar Cunha e supressão das manchas rurais próximas à escola
Edifícios em altura ao sul da escola
Aterro da baía sul (1) e perda da relação visual entre a escola, o centro fundacional e o mar

1977



ESPAÇO DA ESCOLA:
Ampliação do segundo bloco da escola

ENTORNO:
Chácara Espanha com indícios de verticalização
Implantação de equipamentos públicos no aterro.

2002

Histórico de Reformas da Edificação

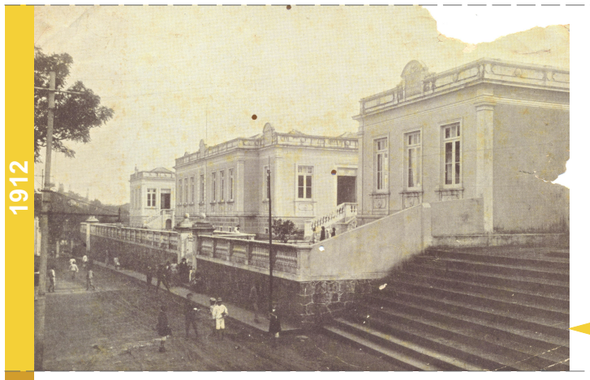
Solenidade no GE Lauro Muller em 1962
(Fonte: IHGSC)

A escola teve uso ininterrupto até o ano de 2019. Com a reforma do sistema de ensino público que pôs fim aos Grupos Escolares (TEIVE; DALLABRIDA, 2011), a escola passou a se chamar Escola de Educação Básica Lauro Muller e, assim como a cidade e o sistema de ensino público brasileiro, sofreu uma série de mudanças no seu espaço físico ao longo dos 107 anos de uso.

Devido à dificuldade de encontrar informações exatas sobre as reformas que sucederam, foi traçada uma linha do tempo estimada a partir de registros fotográficos, imagens aéreas, relatos e trabalhos acadêmicos. Também foram realizadas duas visitas técnicas à escola viabilizadas pela Secretaria de Estado da Infraestrutura e Mobilidade (SIE/SC), as quais foram de extremo valor para este trabalho. Desse modo, foi possível fazer o levantamento arquitetônico e registro fotográfico do local. A observação de detalhes construtivos durante as visitas também contribuiu para a compreensão da história da escola.

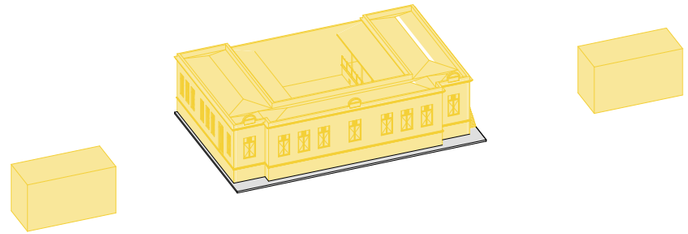
Pátio do E. E. B. Lauro Muller em 1999
(Fonte: Casa da Memória)

1912

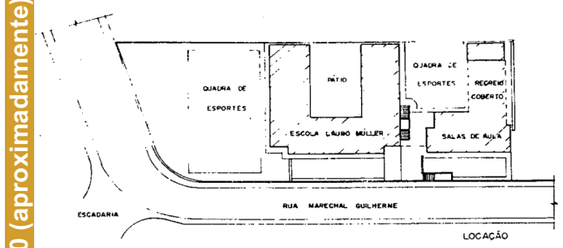


Cartão postal de 1916 mostrando a fachada frontal da escola com seus blocos originais (Fonte: IHGSC)

O espaço construído para o Grupo Escolar Lauro Muller em 1912 consistia em três edificações em estilo eclético. A primeira, era o bloco central em forma de U com pátio, auditório, salas de aula, sala do diretor e portaria. Os dois outros blocos, dispostos de forma simétrica em relação ao bloco central, eram construções menores com galpões destinados às atividades físicas e aos recreios. A disposição simétrica dos blocos conformava a ala masculina no lado oeste do terreno e a feminina na extremidade oposta (TEIVE; DALLABRIDA, 2011). A partir de fotos antigas também é possível observar que existiam dois acessos à escola pela Rua Marechal Guilherme, um para cada ala.

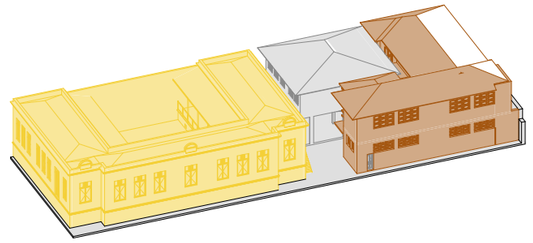


1950 (aproximadamente)



Croqui elaborado para tese de mestrado representando os usos da escola em 1996 (Fonte: GONÇALVES, 1996)

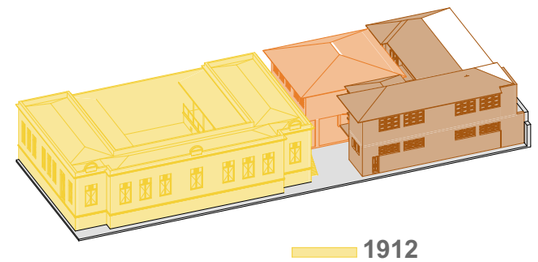
A partir da década de 50, registros fotográficos da escola indicam a demolição dos dois blocos laterais, a construção de um novo bloco de dois pavimentos onde ficava a ala feminina e de uma quadra esportiva onde ficava a ala masculina. No novo bloco em formato de L, o térreo em pilotis conformava um espaço de recreio coberto e o segundo pavimento com pé-direito reduzido permitia que houvesse mais salas de aula. Não se pode ter certeza dos motivos que levaram a essas substituições, entretanto algumas das hipóteses são o fim da segregação por gênero e o aumento da demanda por vagas.



2000 (aproximadamente)

Vista aérea da escola hoje (Fonte: Google Maps, acesso em 2023)

Fotos aéreas da escola indicam a construção de um terceiro bloco entre os dois existentes, com duas salas no pavimento superior e térreo inteiramente em pilotis. Segundo relatos de ex-alunos, ali ficava abrigada a biblioteca da escola. Durante a visita, também foi percebido que os pilotis do bloco edificado na década de 50 foram ocupados por mais um anexo. Não se sabe se ambos foram construídos no mesmo ano, mas serão considerados neste trabalho como pertencentes à mesma época devido a similaridades construtivas. Também é possível observar a abertura de um acesso na fachada frontal do bloco em L, indicando possivelmente a transferência da área administrativa da escola para onde antes era uma sala de aula no térreo.



Levantamento da Arquitetura Existente

Levantamento de registros oficiais

Na tentativa de fazer um levantamento mais preciso sobre as transformações ocorridas na escola, foi solicitado o histórico de reformas para diversos órgãos públicos estaduais e municipais. Entretanto, a busca não foi bem sucedida.

Primeiramente, foi questionada à Secretaria de Estado da Educação sobre o levantamento arquitetônico. Porém, devido ao encerramento das atividades escolares, a secretaria afirmou não possuir mais os documentos e quem poderia fornecer essas informações seria a SIE/SC. Após contato por e-mail, duas visitas presenciais à sede e pedidos formalizados via ofício, também não foi localizado nenhum registro sobre o espaço físico da escola até o encerramento desse trabalho.

As tentativas de busca junto à Prefeitura Municipal de Florianópolis também não ocorreram como esperado. Em 1986, o bloco central da escola, remanescente da construção original de 1912, foi tombado pelo Decreto Municipal n° 270/86 junto com outros conjuntos arquitetônicos no centro da cidade. De acordo com este documento, o bloco faz parte do Conjunto Nossa Senhora do Rosário e está tombado na categoria de preservação P1, que determina a total conservação do imóvel, interna e externamente, devido ao excepcional valor histórico. Ou seja, tanto a fachada quanto a planta baixa da edificação são protegidas pelo município. Entretanto, em contato com o Serviço do Patrimônio Histórico, Artístico e Natural do Município (SEPHAN), foram obtidos apenas croquis e desenhos da fachada, sem o registro da organização espacial interna do bloco tombado.
Em contato por e-mail com o Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) e Fundação Catarinense de Cultua (FCC), estes manifestaram não ter materiais referentes ao projeto arquitetônico da escola por não ser tombada a nível nacional nem estadual.

Visita Técnica

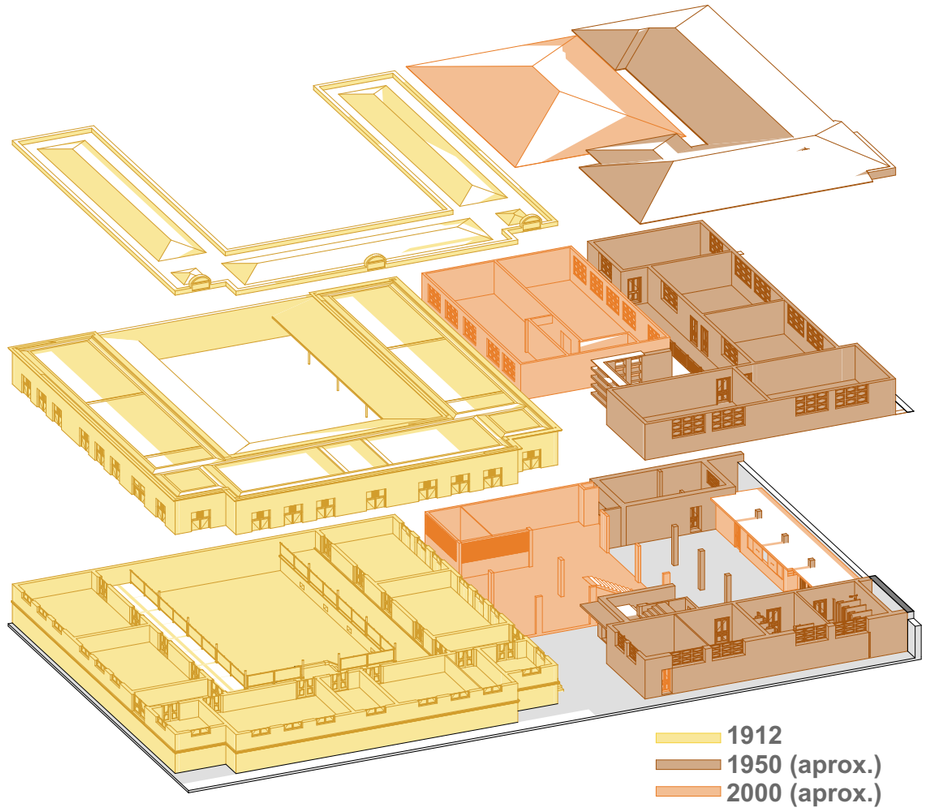
Apesar de não conseguir acesso aos registros arquitetônicos da escola, foi concedida a permissão pela SIE/SC para uma visita técnica à escola a fim de realizar o levantamento arquitetônico e o registro fotográfico do edifício. Assim, foram organizadas duas visitas à escola, a primeira no dia 31 de outubro de 2022 e outra no dia 30 de novembro de 2022. Para esta etapa a autora contou com o auxílio das alunas Ethieny Rossato Kramer e Marcella Alanis Araujo dos Santos, também do curso de Arquitetura e Urbanismo da UFSC, que foram até o local com a autora. Os equipamentos de medição utilizados para o levantamento foram uma trena a laser de precisão de 40m e uma trena de bolso.

Durante a primeira visita, o foco foi o levantamento do bloco construído em 1912. Não foi possível entrar em todas as salas, pois não foram encontradas algumas das chaves e outras portas estavam emperradas. Para descrevê-las, o bloco foi considerado simétrico. Foram identificados vários sinais de deterioração, como infiltrações e rachaduras, bem como alguns objetos que ficaram para trás durante o fechamento da escola.

Na segunda visita, foram levantados os ambientes dos blocos mais recentes. A impressão obtida do grau de deterioração foi intensificada com a chuva, a qual foi constante na semana anterior e durante a visita. Goteiras e infiltrações pela parede foram identificadas em quase todas as salas, independente do seu ano de construção, e o odor de mofo era intenso em algumas delas. Da mesma forma que na primeira visita, nem todos os ambientes puderam ser acessados e, neste caso, havia uma grande diversidade de tipologias construtivas devido a sucessivas reformas. Somada à limitação técnica para medir pequenos ângulos dentro da edificação, foi identificada uma série de inconformidades entre as medidas obtidas ao fim do levantamento.

Após o recolhimento das medidas *in loco*, a escola foi modelada no software Archicad, o qual oferece suporte à metodologia BIM (*Building Information Modeling*) e permite que algumas informações possam ser atribuídas aos elementos do modelo. Em razão dos motivos expostos no parágrafo anterior, entende-se que o nível de imprecisão geométrica do modelo é alto, porém válido para fins de estudo da organização espacial da área edificada e elaboração de estudo preliminar para novas propostas arquitetônicas para a escola. Para a identificação do ano aproximado de construção dos anexos da escola, o principal recurso foi os registros expostos na página anterior. Entretanto, a observação de diferenças de espessura de paredes, tipos de esquadrias e revestimentos também deram suporte ao estudo.

Perspectiva explodida representando as etapas de construção da escola identificadas (Fonte: Autora, 2022)



Fachada frontal do bloco da década de 1950 (Fonte: Autora, 2022)

Vista dos pilotis (Fonte: Autora, 2022)

Planta Baixa - Pavimento Térreo - Levantamento

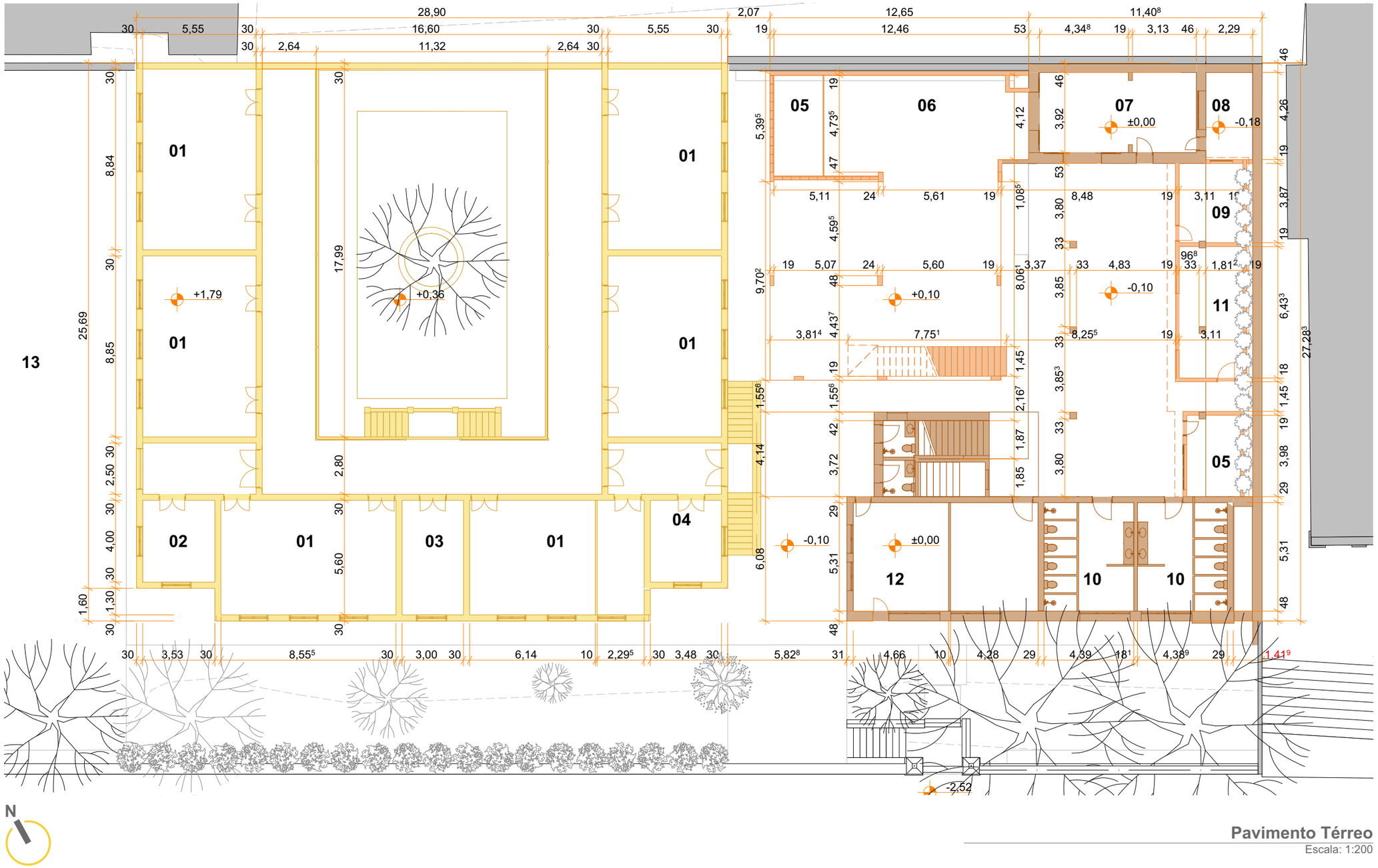


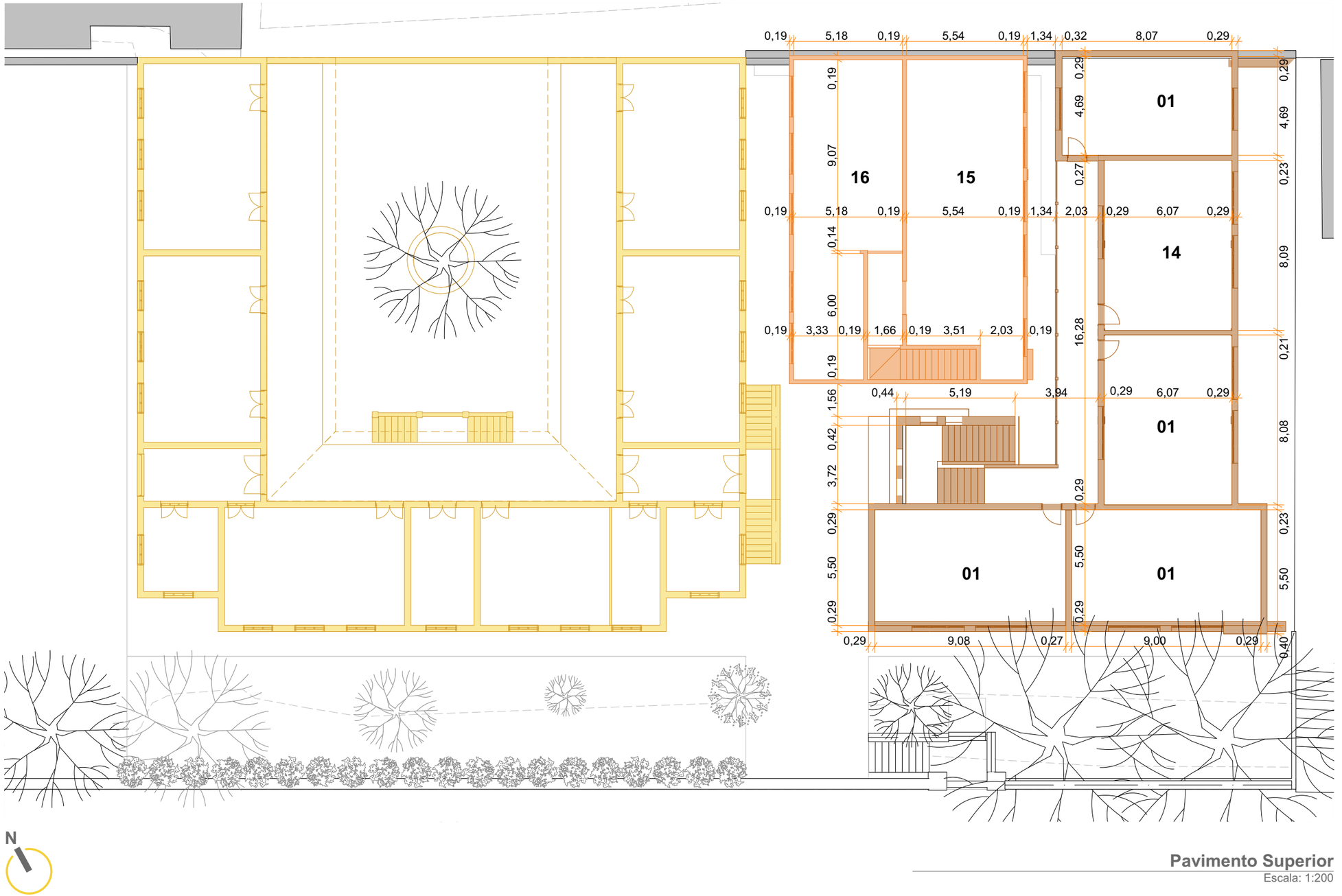
Tabela de Ambientes Térreo

N°	Nome
01	Sala de Aula
02	Professores
03	Orientação
04	Direção
05	Depósito
06	Refeitório
07	Cozinha
08	A.S.
09	Funcionários
10	BWC
11	"Sala do Som"
12	Secretaria
13	Quadra

1912
1950 (aprox.)
2000 (aprox.)

Pavimento Térreo
Escala: 1:200

Planta Baixa - Pavimento Superior - Levantamento



Pavimento Superior
Escala: 1:200

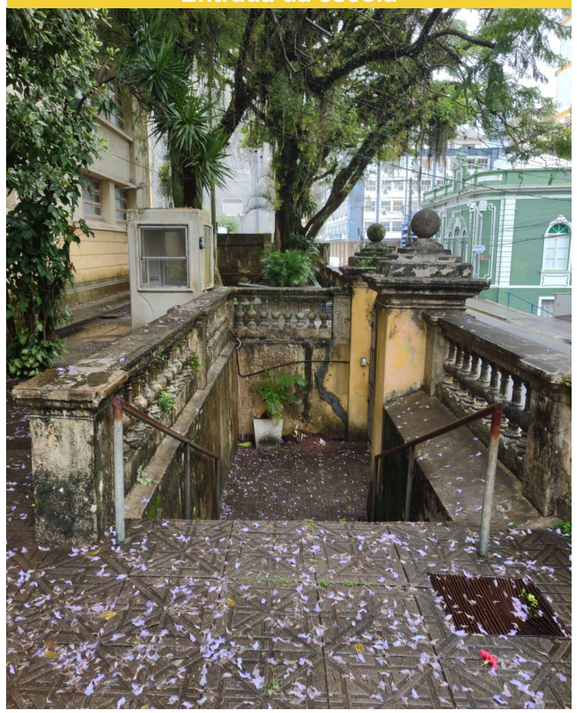
Tabela de Ambientes Pav. Superior

N°	Nome
01	Sala de Aula
14	Sala de Informática
15	Auditório
16	Biblioteca

1912
1950 (aprox.)
2000 (aprox.)

Fotos das Visitas Técnicas - Bloco de 1912 e Entrada da Escola

Entrada da escola



Sala de aula

Sala de aula

Fachada lateral e quadra

Entrada da sala de orientação

Pátio frontal - Fachada bloco da déc. de 50

Pátio Interno

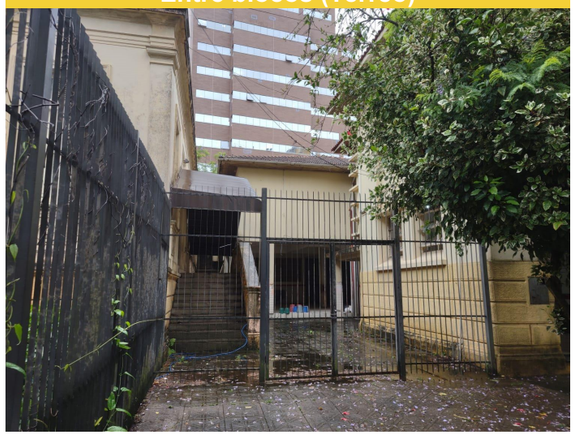
Vegetação crescendo em rachadura

Fotos das Visitas Técnicas - Blocos da Década de 50 e Anos 2000

Corredor das Salas de Aula (Pav. Superior)

Auditório (Pav. Superior)

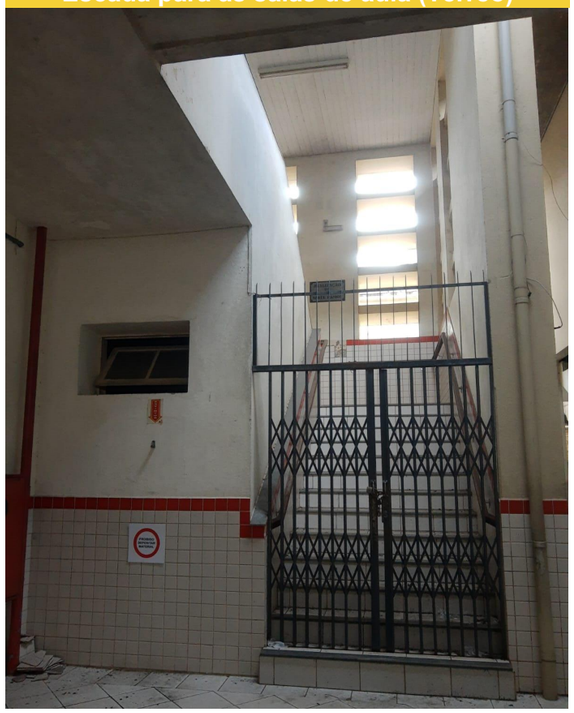
Entre blocos (Térreo)



Sala de aula - Fachada lateral (Pav. Superior)

Vista entre blocos (Pav. Superior)

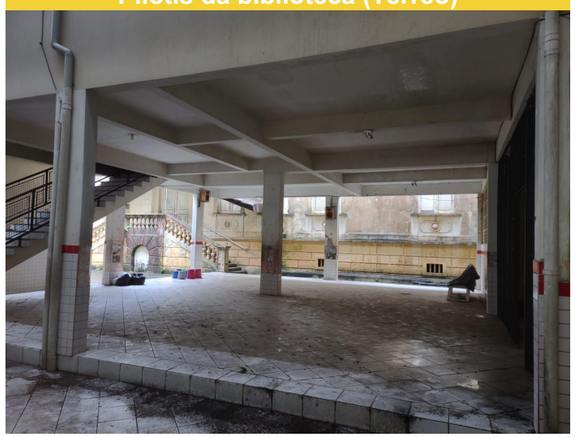
Escada para as salas de aula (Térreo)



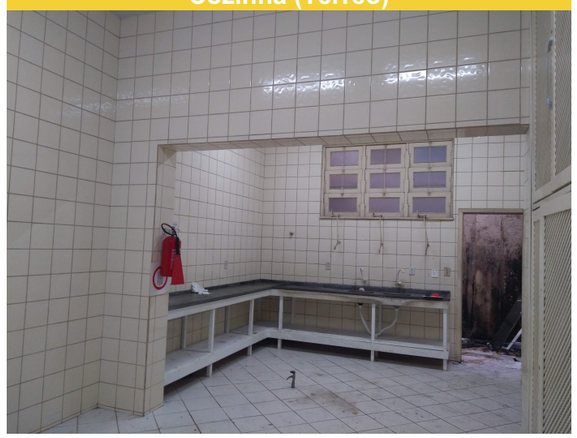
Anexos sob as salas de aula (Térreo)

Sala de aula - Fachada frontal (Pav. Superior)

Pilotis da biblioteca (Térreo)



Cozinha (Térreo)



Relatos - Entrevistado 1

Nas últimas décadas, assistimos a uma mudança de visão sobre os objetos restaurados e preservados. As teorias clássicas da restauração, cujo foco recaía sobre o objeto, foram sendo revistas a ponto de a essência de como preservar e intervir no patrimônio histórico recair sobre as pessoas e os significados que estas atribuem aos objetos em questão. Um dos autores que buscou documentar essa mudança de paradigma foi Salvador Muñoz Viñas (2021), o qual defende a inclusão das pessoas impactadas pela atividade do arquiteto ou do restaurador na elaboração de diretrizes de intervenção. Tendo isso em vista, foram realizadas entrevistas com dois ex-alunos na tentativa de captar percepções sobre o espaço da escola.

Entrevistado 1:

A primeira pessoa a ser entrevistada foi um aluno que estudou apenas um ano na escola em 2011, durante a 7ª série do ensino fundamental. O motivo de ter estudado na escola foi a proximidade de casa, pois havia se lesionado e era inviável o deslocamento por conta própria até a escola onde estudava antes. Apesar de relatar que a família não gostava da escola devido à infraestrutura, sua impressão geral dela era muito positiva e relatou ter boas memórias de quando estudou lá. Foi um aluno ativo no grêmio estudantil da escola e engajado em atividades extraclasse, apesar de ter ficado pouco tempo.

Quando solicitado que desenhasse a escola como se lembrava dela, ele a dividiu em seis setores conforme a tabela:

Cor	Nome do setor segundo o entrevistado	Referência / Descrição
S1	Séries iniciais (único com valor histórico)	Bloco remanescente de 1912
S2	Salas de aula	Pavimento superior do bloco da década de 1950
S3	Quadra e grêmio estudantil	Quadra de esportes e porão do bloco de 1912
S4	Biblioteca	Biblioteca e auditório construído nos anos 2000
S5	Pátio	Pilotis da biblioteca
S6	Secretaria	Secretaria / Recepção

Foi possível notar que o entrevistado teve dificuldades de descrever o setor das séries iniciais por ter estado poucas vezes no seu interior. Entretanto, o classificou como o único setor com valor histórico. As dimensões dos setores também demonstraram quais espaços foram mais vivenciados. Os setores localizados à direita do bloco mais antigo são maiores e mais detalhados e até mesmo o estreito pátio em frente ao setor das séries iniciais é quase do mesmo tamanho que este bloco. A última sala de aula no pavimento superior, identificada como da 7ª série, sala onde o entrevistado estudou, também é representada como a maior sala do pavimento, enquanto, segundo o levantamento, é a menor das salas de aula do bloco. O entrevistado não se recordava da existência do refeitório nem do laboratório e não se chegou a nenhuma conclusão do motivo disso, especula-se que o entrevistado se esqueceu por pouco uso desses ambientes.

Durante a entrevista, foram descritos ambientes que não foram possíveis de ser acessados durante a visita técnica da autora. Segundo o entrevistado, o grêmio estudantil ocupava uma sala no porão do bloco antigo com entrada pela quadra. Além disso, uma das salas no térreo foi identificada como a “sala do som”, onde eram armazenados equipamentos de som utilizados pelo grêmio estudantil nos intervalos para anunciar a “Rádio do Intervalo”.

Como o nome dos setores deixa transparecer, a distribuição das turmas nos espaços da escola dividia os alunos do Ensino Fundamental I no bloco antigo e Ensino Fundamental II e Médio no bloco edificado na década de 50. No ensino fundamental I e II, havia turmas vespertinas e matutinas, enquanto o Ensino Médio funcionava apenas à noite, segundo o entrevistado.

Quanto aos eventos que aconteciam na escola, foram citados concursos literários, festa junina, festa de fim de ano da 8ª série e vendas de docinhos para a formatura. A maioria destes eventos acontecia no pátio frontal, quadra e pilotis. Não foi descrito nenhum evento no pátio central do bloco antigo, o que pode indicar que o espaço era pouco usado para os momentos de recepção da comunidade externa ou que ocorriam festividades específicas para séries iniciais, as quais o entrevistado não teve acesso.

Ao descrever o conforto ambiental da escola, um dos pontos que mais chamou atenção nas respostas foi o conforto acústico das salas de aula das séries iniciais. Segundo o entrevistado, apesar de ter usado poucas vezes o bloco antigo, foi marcante a dificuldade de escutar o professor e os colegas devido ao ruído proveniente da Rua Marechal Guilherme. Da mesma forma, o barulho da rua prejudicava o uso da quadra, que foi descrita como um lugar "caótico", pois, além do som recorrente em quadras esportivas, havia o agravante do entorno.

A acessibilidade da escola foi descrita como muito ruim para cadeirantes e pessoas com mobilidade reduzida. De fato, o acesso a todas as salas de aula se dá por escada, além da própria entrada principal da escola. Também são possíveis de observar inúmeros desníveis, como nas portas das salas, no pátio sob a biblioteca, no pátio central das séries iniciais e na secretaria. Entretanto, segundo o entrevistado, a escola foi pioneira em acessibilidade para surdos-mudos em sala de aula. Havia acompanhantes em todas as salas de aula para auxílio destes alunos, que foram estimados em cerca de dois alunos por sala de aula de acordo com o entrevistado.

O acesso à escola também possuía outro obstáculo. Os meios de transporte para chegar à escola eram bastante limitados, pois não havia muitas linhas de ônibus passando próximo à escola e as que passavam eram todas linhas executivas, cuja passagem é mais cara que a convencional e não oferece desconto a estudantes. Dessa forma, a maioria dos alunos desembarcava no TICEN (Terminal de Integração do Centro) e caminhava por mais 750m até a escola. De acordo com o entrevistado, alguns alunos iam a pé e de bicicleta também, apesar de ser minoria. Sobre os professores, o entrevistado disse que poucos se deslocavam até a escola de carro e que o transporte coletivo era o meio mais utilizado por esse grupo também. Como poucos alunos chegavam de carro, foi relatado pelo entrevistado que era comum esperarem o horário de entrar em sala na Escadaria do Rosário.

De acordo com o entrevistado, a história da escola não foi apresentada em nenhum momento em sala de aula no ano em que ele estudou no E. E. B Lauro Muller. Entretanto, havia quadros com fotos e pinturas da escola em outros momentos da sua história. Somado aos traços arquitetônicos do bloco das séries iniciais, que deixam claro de que se trata de uma escola antiga para os padrões da cidade, o entrevistado afirmou que a história da escola era trabalhada pedagogicamente de forma indireta pelos professores e alunos.

E. E. B. Lauro Muller desenhado pelo Entrevistado 1

Relatos - Entrevistado 2 e Escalas Semânticas

Entrevistado 2:

A segunda pessoa a ser entrevistada foi aluna no E. E. B Lauro Muller entre os anos de 2014 e 2017, o que corresponde da 7ª série ao 2° ano do Ensino Médio. Da mesma forma que o primeiro entrevistado, ela afirmou também ter gostado de estudar na escola. Relatou que inclusive a sua família tinha impressões positivas, tanto que seus dois irmãos estudaram lá também. Elogiou os professores e a organização da escola.

Infelizmente, esta entrevista foi feita de forma remota, o que inviabilizou a dinâmica de desenhar a escola. Mesmo assim, foi solicitado que a entrevistada dividisse a escola em setores descrevendo-os da forma com que se lembrava deles. Desta forma, foram elencados três setores:

Cor	Nome do setor segundo o entrevistado	Referência / Descrição
S1	Quadra / porão sala de artes	Quadra de esportes e porão do bloco de 1912
S2	Refeitório	Pilotis da biblioteca
S3	Salas de aula	Conjunto de salas de aula

Assim como no desenho do primeiro entrevistado, a autora tomou o cuidado de não induzir a respostas com base no que observou durante o levantamento técnico. Isso foi importante na dinâmica da setorização com base apenas no relato oral, onde não havia o recurso da comparação das dimensões desenhadas que foi utilizado na primeira entrevista, pois foram destacados apenas os ambientes de fato mais vivenciados pela entrevistada. Deste modo, o bloco de 1912 não foi descrito como um bloco separado na sala de aula. Ele estava incluído no setor três no discurso da entrevistada por ser um bloco de salas de aula também, mas ao longo da entrevista as respostas tenderam para as salas do bloco edificado em 1950, o que confirma a segregação entre as turmas do Ensino Fundamental I e II.

Ao ser questionada sobre o conforto ambiental da escola, alguns aspectos se confirmaram em relação à primeira entrevista. O excesso de ruído que vinha da rua foi citado como um fator que afetava o uso da quadra e das áreas externas e foi relatada bastante amplitude térmica nas salas de aula onde a ex-aluna estudou. Ainda havia o agravante a necessidade de manutenção constante dos ventiladores das salas.

Enquanto esteve no E. E. B. Lauro Muller, as aulas da entrevistada foram todas diurnas, inclusive durante o ensino médio. Costumavam entrar às 13h30 e sair às 17h30 ou 18h, quando tinham seis aulas no dia. Havia outras turmas do Ensino Fundamental e médio no período da manhã na mesma proporção de turmas do período da tarde. Ou seja, para cada série havia uma turma, uma à tarde e outra no período da amanhã. Também foi descrito o hábito dos alunos de esperar o início da aula na escadaria do rosário.

A distribuição das turmas no espaço da escola foi a mesma descrita na primeira entrevista. Anos iniciais (1ª a 5ª séries) no bloco antigo, Ensino Fundamental II (6ª a 8ª) e Ensino Médio nas salas do segundo pavimento. Porém, em um dos anos em que estudou lá, foi testado um sistema onde os alunos se deslocavam até a sala de aula correspondente à disciplina a ser estudada.

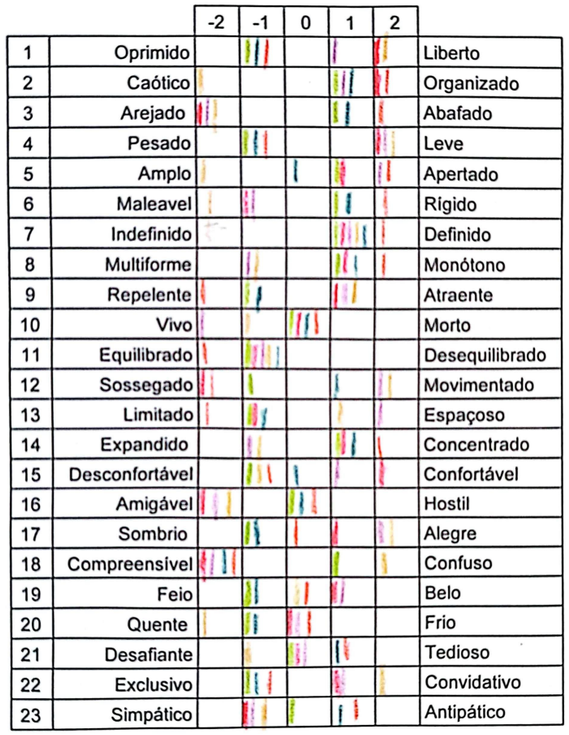
Curiosamente, o porão do bloco de 1912 abrigou a sala de artes segundo a entrevistada e a localização do grêmio estudantil não foi citada.

Escala Semântica

Ao fim de ambas as entrevistas, foi solicitada uma última dinâmica. A fim de entender melhor a percepção dos ex-alunos sobre os espaços da escola, foi proposto o uso da escala semântica. Esta estratégia de análise foi adaptada do livro “Arquitetura Escolar: O Projeto Do Ambiente De Ensino” (KOWALTOWSKI, 2011), onde é sugerido o seu uso para Análise de Pós-Ocupação. O método consiste em avaliar uma imagem em relação a adjetivos opostos em uma escala de 5 pontos. Aplicada ao contexto das entrevistas sobre a escola Lauro Muller, foi solicitado que os entrevistados avaliassem cada setor descrito por eles em relação aos adjetivos opostos selecionados pela entrevistadora. Segue a baixo os dois quadros obtidos. Para facilitar a comparação entre os setores em comum entre os entrevistados, foi alterada a ordem dos setores do entrevistado 2 na legenda.

Escala Semântica - Entrevistado 1

Cor	Nome do setor segundo o entrevistado
S1	Séries iniciais (único com valor histórico)
S2	Salas de aula
S3	Quadra e grêmio estudantil
S4	Biblioteca
S5	Pátio
S6	Secretaria



		-2	-1	0	1	2	
1	Oprimido						Liberto
2	Caótico						Organizado
3	Arejado						Abafado
4	Pesado						Leve
5	Amplo						Apertado
6	Maleavel						Rígido
7	Indefinido						Definido
8	Multiforme						Monótono
9	Repelente						Atraente
10	Vivo						Morto
11	Equilibrado						Desequilibrado
12	Sossegado						Movimentado
13	Limitado						Espaçoso
14	Expandido						Concentrado
15	Desconfortável						Confortável
16	Amigável						Hostil
17	Sombrio						Alegre
18	Compreensível						Confuso
19	Feio						Belo
20	Quente						Frio
21	Desafiante						Tedioso
22	Exclusivo						Convidativo
23	Simpático						Antipático

Escala Semântica - Entrevistado 2

Cor	Nome do setor segundo o entrevistado
S3	Salas de aula
S1	Quadra / porão sala de artes
S2	Refeitório

		-2	-1	0	1	2	
1	Oprimido						Liberto
2	Caótico						Organizado
3	Arejado						Abafado
4	Pesado						Leve
5	Amplo						Apertado
6	Maleavel						Rígido
7	Indefinido						Definido
8	Multiforme						Monótono
9	Repelente						Atraente
10	Vivo						Morto
11	Equilibrado						Desequilibrado
12	Sossegado						Movimentado
13	Limitado						Espaçoso
14	Expandido						Concentrado
15	Desconfortável						Confortável
16	Amigável						Hostil
17	Sombrio						Alegre
18	Compreensível						Confuso
19	Feio						Belo
20	Quente						Frio
21	Desafiante						Tedioso
22	Exclusivo						Convidativo
23	Simpático						Antipático

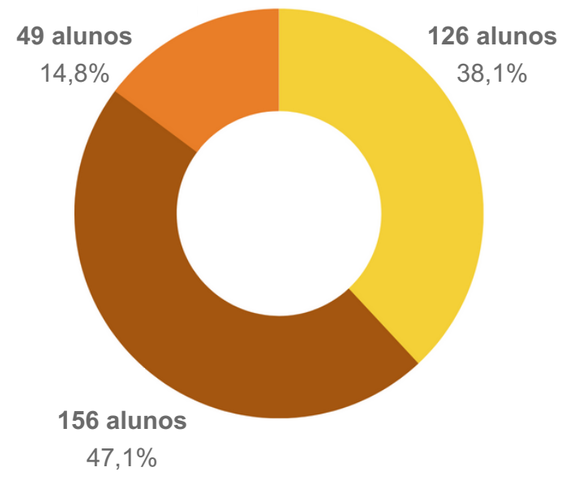
Dados gerais sobre a escola

Capacidade escolar

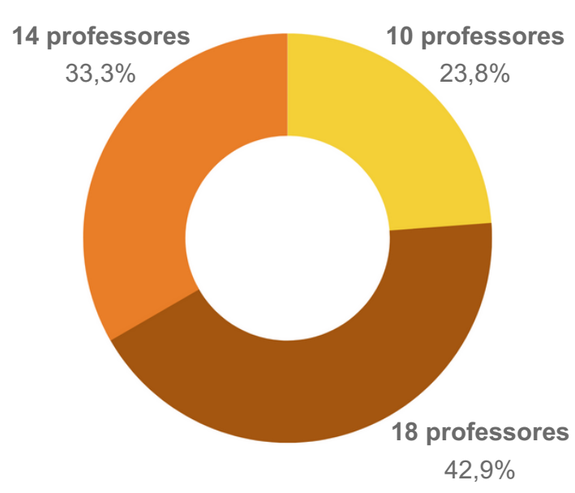
Além das entrevistas, foram organizados em gráficos os dados levantados pelo Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais (INEP) no último censo escolar realizado na escola, em 2018. A partir deste retrato é possível entender a capacidade de atendimento da escola e o perfil dos alunos no momento em que ela encerrou as suas atividades.

De acordo com o INEP, é possível perceber, do total de 331 estudantes, a maior parte deles se concentrava nas turmas do ensino fundamental. Enquanto isso o ensino médio possuía pouca expressividade, com apenas 2 turmas e 49 alunos, mas contava com mais professores que os anos inicias do ensino fundamental.

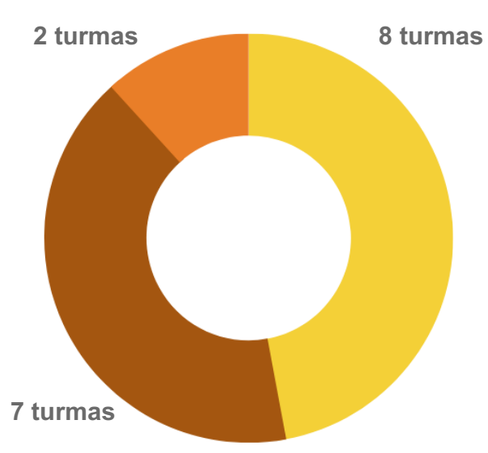
Distribuição de alunos por etapa de ensino



Distribuição de professores por etapa de ensino



Número de turmas



Total de alunos: 331
Total de professores: 30
(Fonte: INEP, 2018)

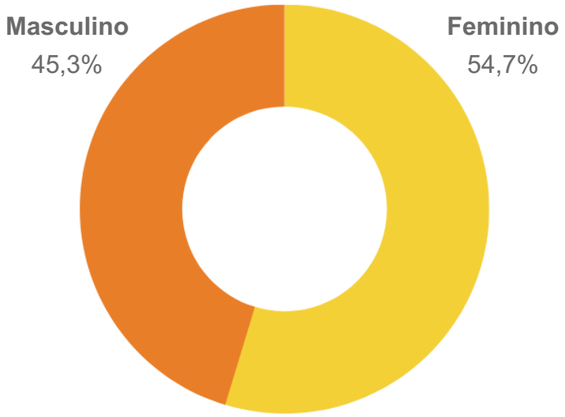
Ensino Fundamental - Anos iniciais
Ensino Fundamental - Anos finais
Ensino Médio

Perfil dos alunos

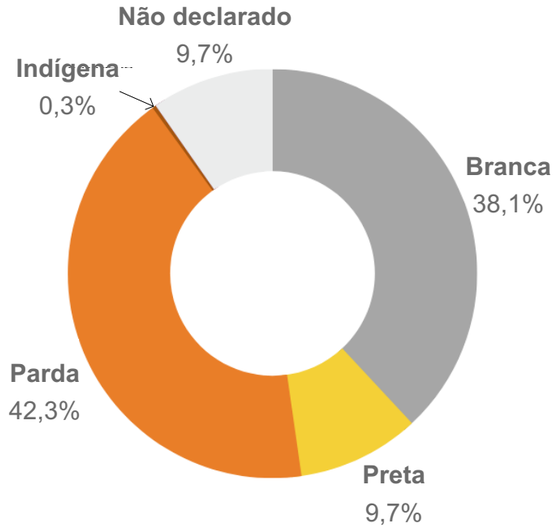
Observando os dados do censo é possível perceber que a diferença entre os gêneros era bem equilibrada, sendo a maioria feminina. Em relação a cor, a maioria dos alunos se identificava como parda ou branca, enquanto apenas 9,7% era preta e apenas um estudante se declarou indígena.

Confirmando o que os ex-alunos entrevistados haviam relatado, a escola também atendia alunos com deficiência. De acordo com o senso, era aplicado a educação especial inclusiva, onde os alunos que faziam parte do programa participavam das mesmas atividades que os demais e todos os professores estavam preparados para o atendimento destes alunos.

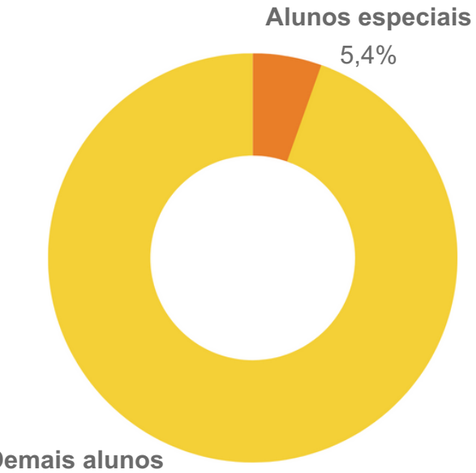
Distribuição dos alunos por gênero



Distribuição dos alunos por cor/raça



Alunos da educação especial inclusiva



Diretrizes para a intervenção

Na busca da valorização da educação pública, gratuita e de qualidade nas áreas centrais da cidade, o projeto propõe a reorganização dos espaços da escola para a retomada das atividades escolares na Escola Lauro Muller. A adaptação dos espaços se faz necessária para atender as demandas atuais por uma educação autônoma e inclusiva, aspectos pouco valorizados na concepção inicial do edifício. Além disso, a proposta almeja a preservação do legado histórico da escola através da continuidade do seu uso e ampliação do acesso à comunidade externa da escola.

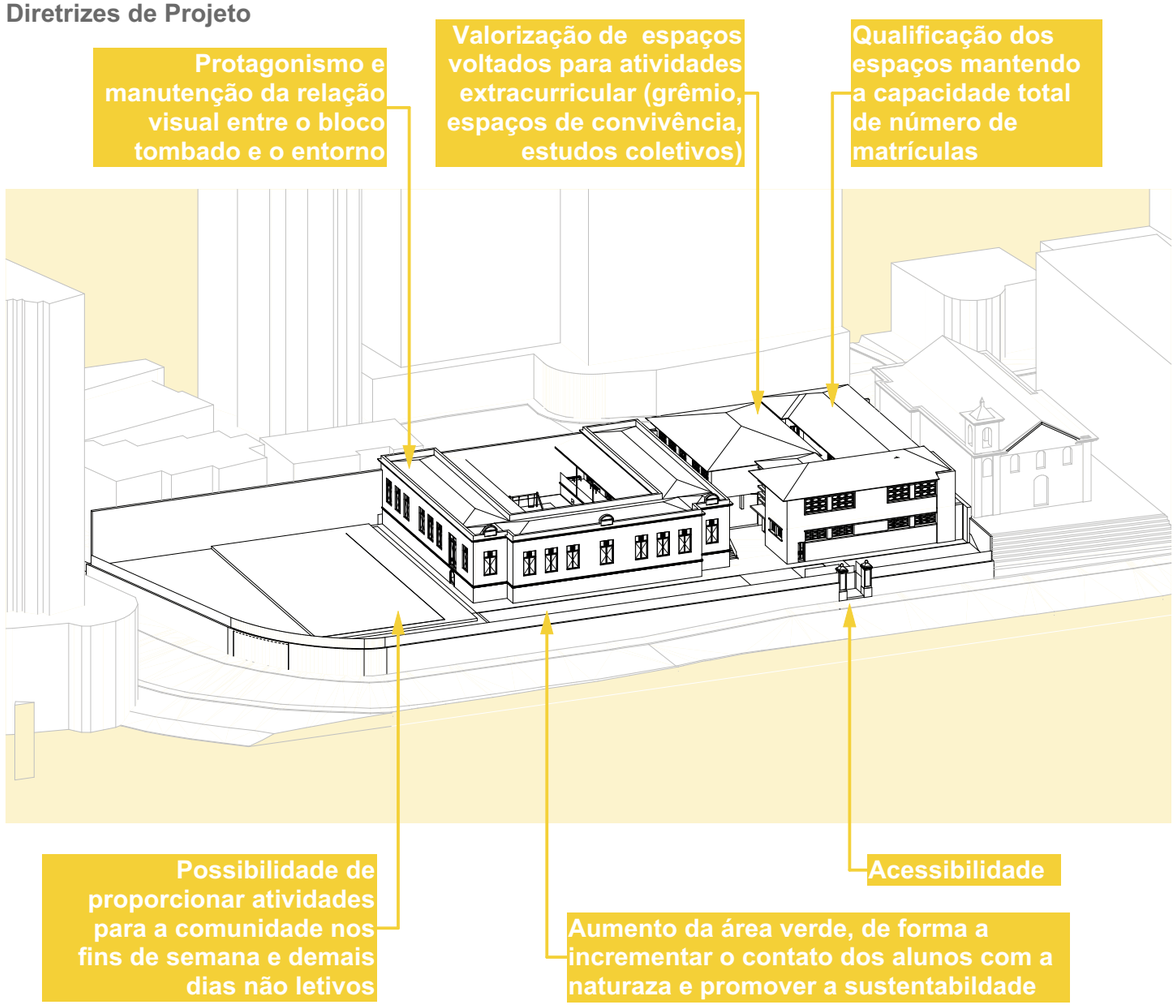
Quanto à ocupação da escola, é proposto que a escola seja usada apenas pelas turmas do Ensino Fundamental para conciliar as limitações do espaço com a qualidade do ensino. A retirada do Ensino Médio se deu devido à reforma recente dessa fase de ensino que institui o aumento da carga horária e a inclusão de disciplinas profissionalizantes (BRASIL, 2017). Visando também aumentar a disponibilidade de vagas em tempo integral para as crianças em idades iniciais para que os pais possam trabalhar, é proposto que as séries iniciais sejam em tempo integral e as séries finais do fundamental sejam dobradas em turmas no período da manhã e da tarde. Assim, considerando que nas primeiras fases os professores se dividem por turmas, nas fases finais por disciplina e o número de salas de aula disponíveis, a capacidade da escola segue a distribuição representada nos gráficos:

Objetivos do Projeto:

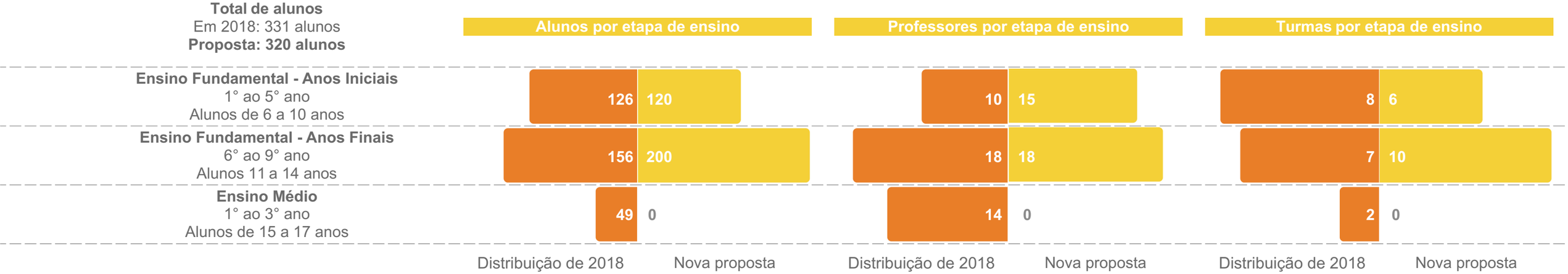
1. Preservação do patrimônio histórico
2. Preservar memórias e signifacados da escola para a sociedade
4. Trazer qualidade para o espaço existente
5. Desenvolver a autonomia dos alunos

Princípiops Norteadores

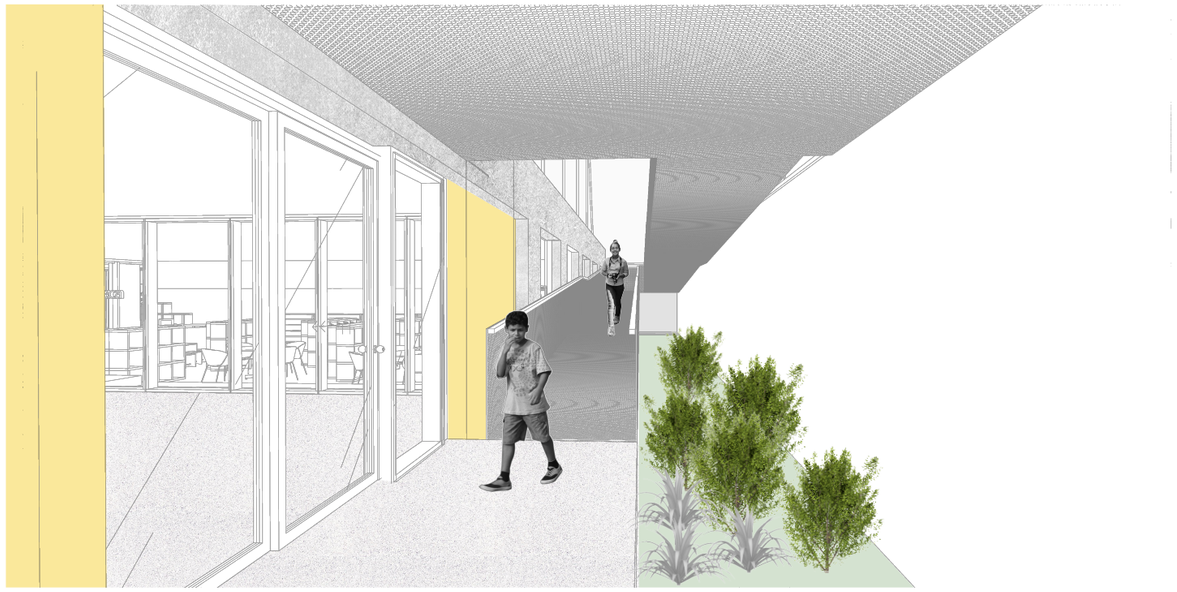
Diretrizes de Projeto



Total de alunos
Em 2018: 331 alunos
Proposta: 320 alunos



O projeto

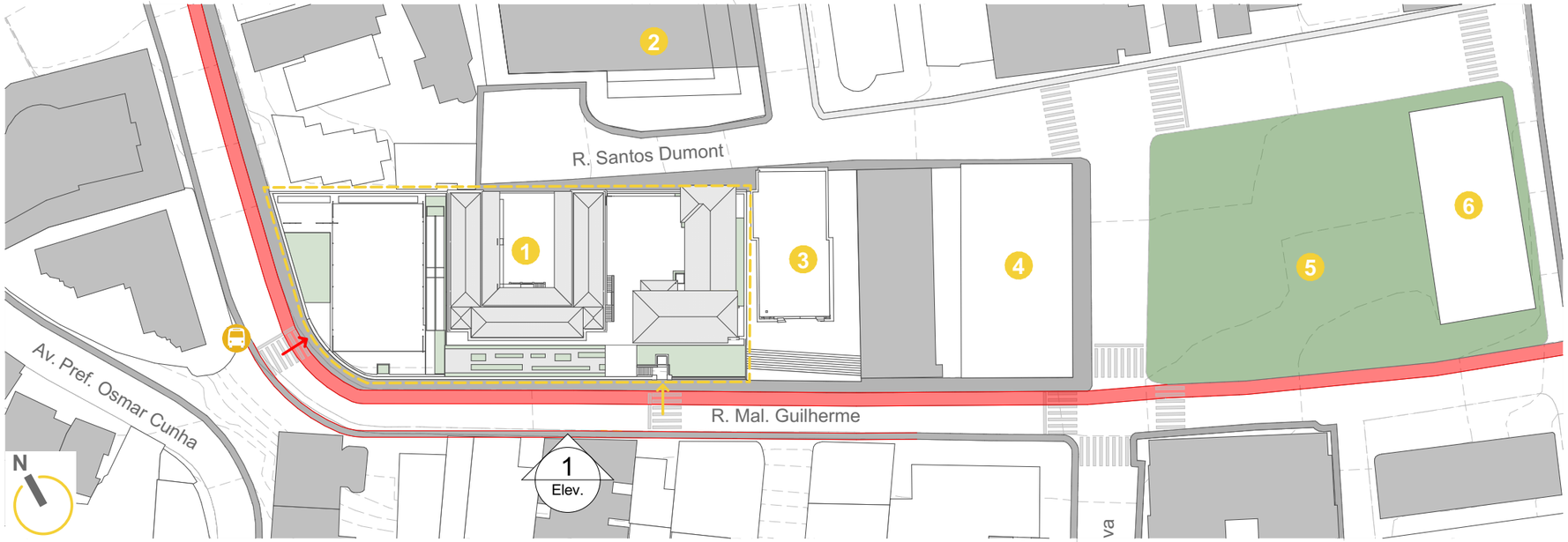


Escala Urbana

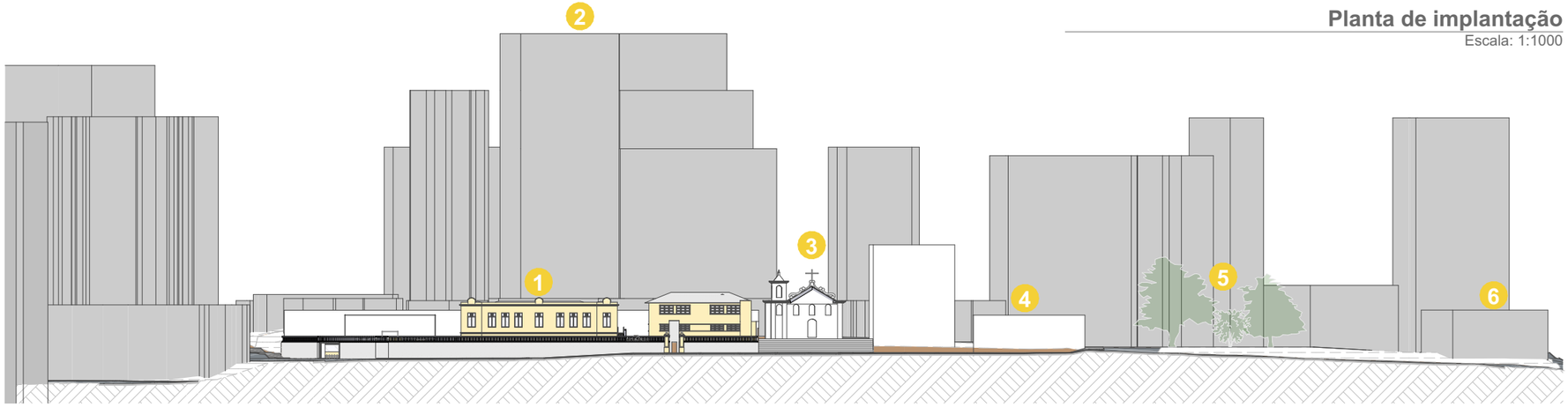
Visando criar um espaço que pudesse ser utilizado pela comunidade nos dias não letivos, foi proposta a criação de mais uma entrada para a escola na esquina da R. Marechal Guilherme e a concentração do programa acessível à comunidade próximo a esta entrada. Além de facilitar a logística de funcionários e visitantes, a entrada e a criação dos espaços no nível da calçada interrompe a continuidade do muro cego e aproxima a escola do pedestre, tornando a rua mais viva.

No decorrer da elaboração do projeto, foi levantada a possibilidade de ligação da escola com a R. Santos Dumont. Tal rua não existia na fundação da escola e quando foi criada se tornou uma via com pouca vitalidade, servindo de acesso a poucas casas e, futuramente, condomínios. Hoje, entretanto, ela contém o acesso principal de um edifício de consultórios médicos de 15 pavimentos com garagem rotativa no subsolo. Assim, devido ao atual movimento intenso de carros e pedestres foi descartada a ideia de mais uma entrada para a escola pelos fundo a fim de evitar conflitos decorrentes da sobrecarga da via.

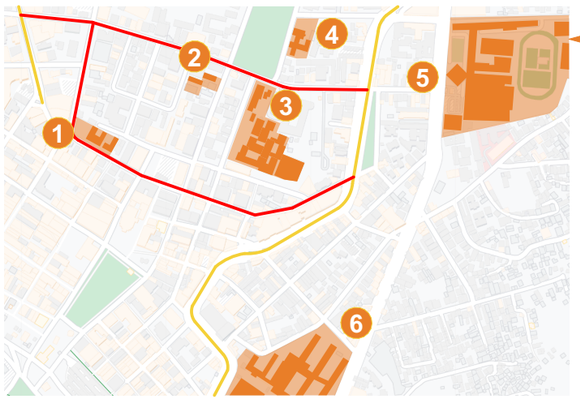
A fim de contribuir para a mobilidade ativa na cidade e melhorar o acesso à escola, é proposta a complementação da malha cicloviária nas ruas próximas. Os trechos criados ligariam ciclovias e ciclo-faixas existentes passando por outras instituições educacionais, tanto públicas quanto privadas. Assim, na escala da cidade, a estrutura poderia contribuir com atividades de integração entre as instituições e o deslocamento dos estudantes no Centro de forma autônoma e segura. Já na escala da Escola Lauro Muller, a redução do fluxo de carros em frente reduziria o ruído proveniente da rua e contribuiria com o acesso seguro dos alunos e funcionários.



Planta de implantação
Escala: 1:1000



Elevação 1
Escala: 1:1000



Mapa da complementação da malha cicloviária

1. E.E.B. Lauro Muller
2. Colégio Adventista
3. Colégio Bom Jesus
4. Gaia Curso e Colégio
5. IFSC Campus Florianópolis
6. Instituto Estadual de Educação

Malha cicloviária existente
Ciclo-faixa proposta

Pontos de referência no entorno imediato

1. E.E.B. Lauro Muller
2. Life Medical Tower
3. Igreja Nossa Senhora do Rosário e São Benedito
4. Banco Safra
5. Praça Pereira Oliveira
6. Teatro Álvaro de Carvalho

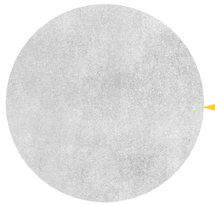
LEGENDA

Ponto de ônibus existente
Ciclo faixa proposta
Entrada existente (Mantida no projeto)
Entrada adicional proposta

Programa e Materialidade

Materialidade:

Vedações em alvenaria com reboco e pintura amarelo claro

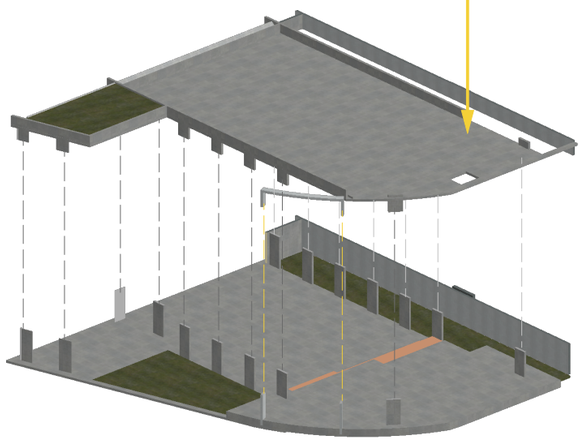


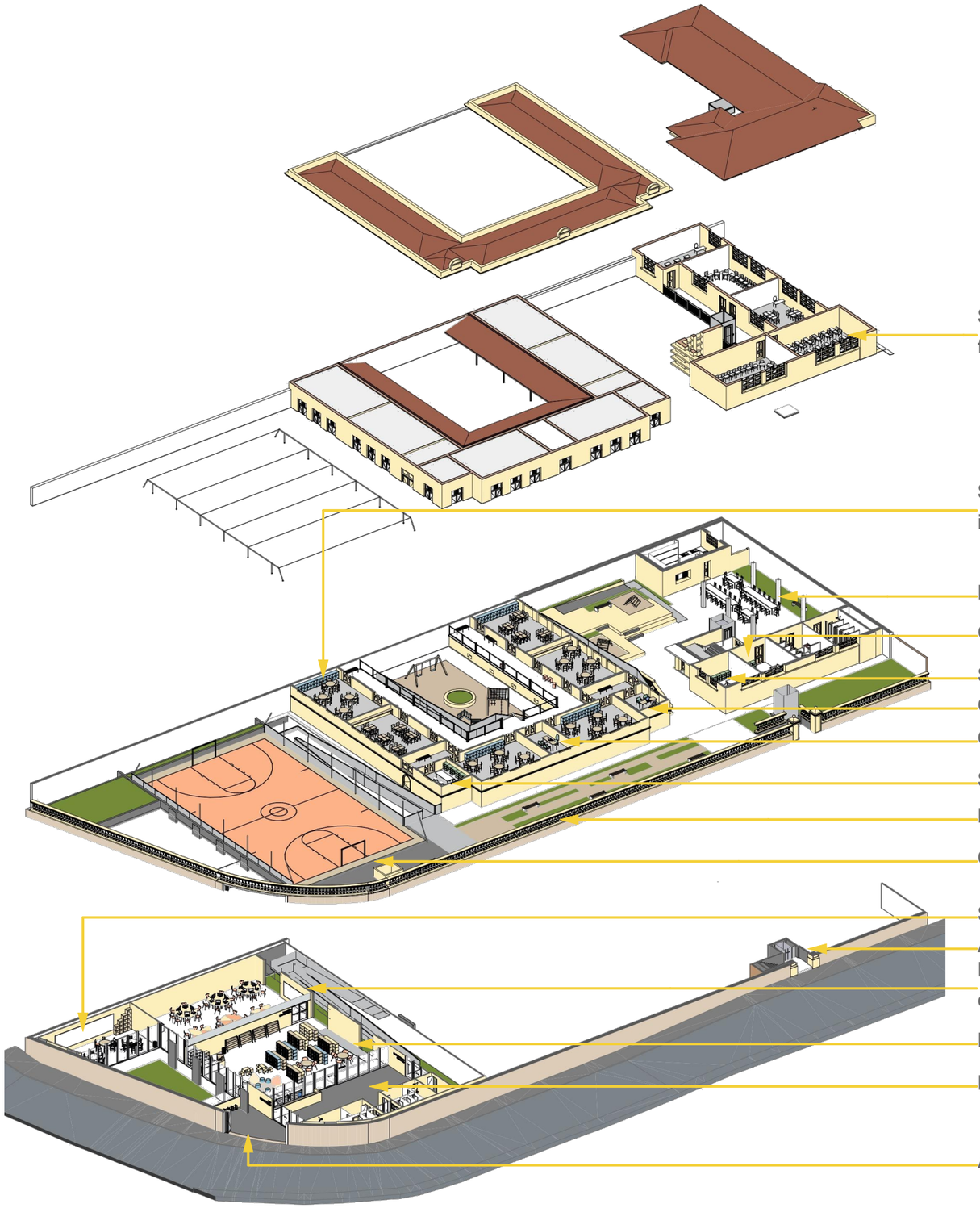
Estrutura em concreto aparente

Guarda-corpo e serralheria em chapa perfurada branca

Estrutura:

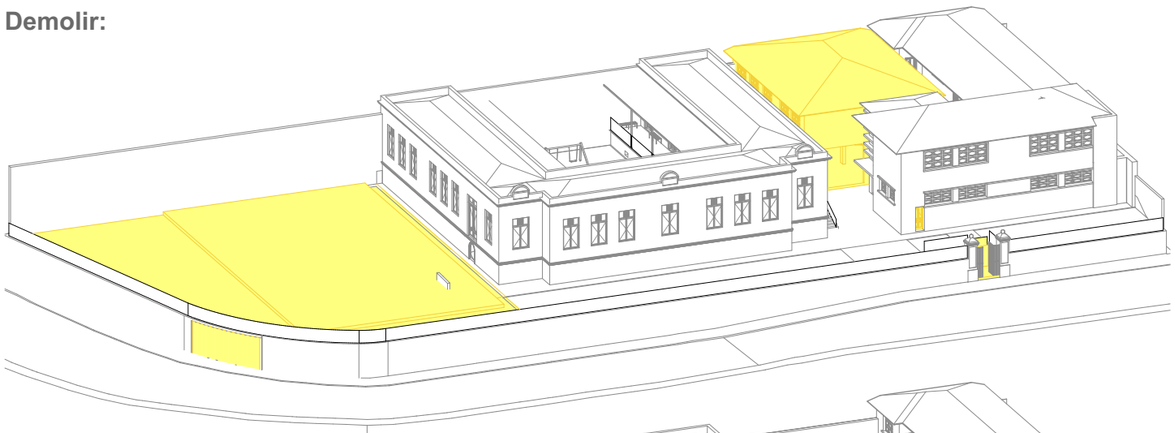
Estrutura em concreto armado protendido moldado *in loco*



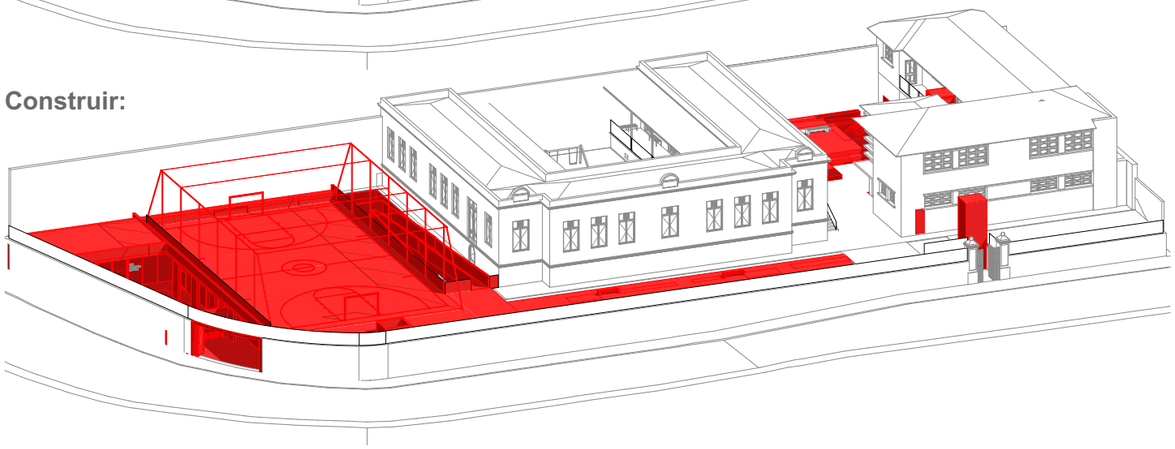


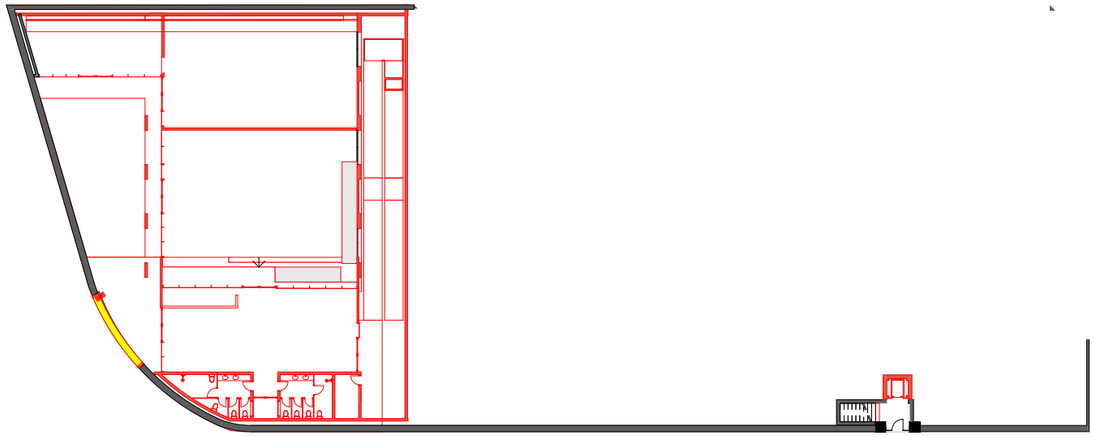
Permanência e renovação

Demolir:

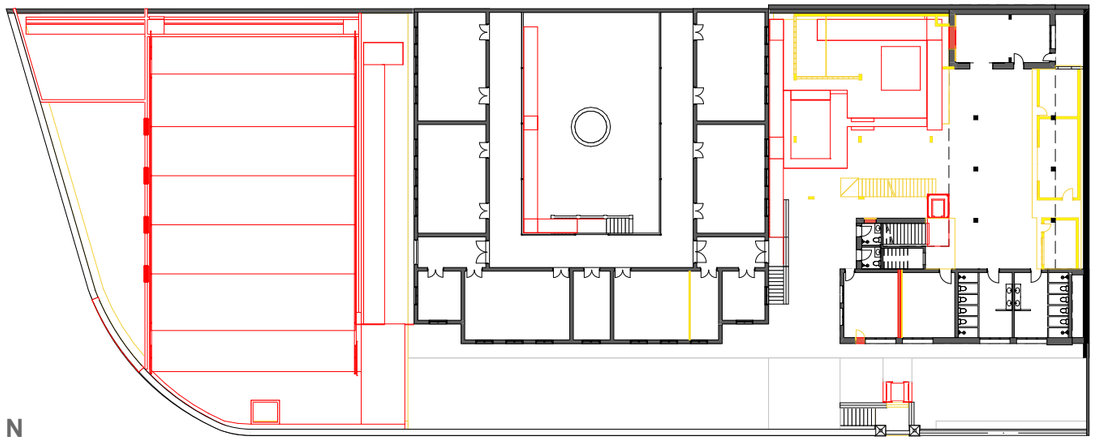


Construir:





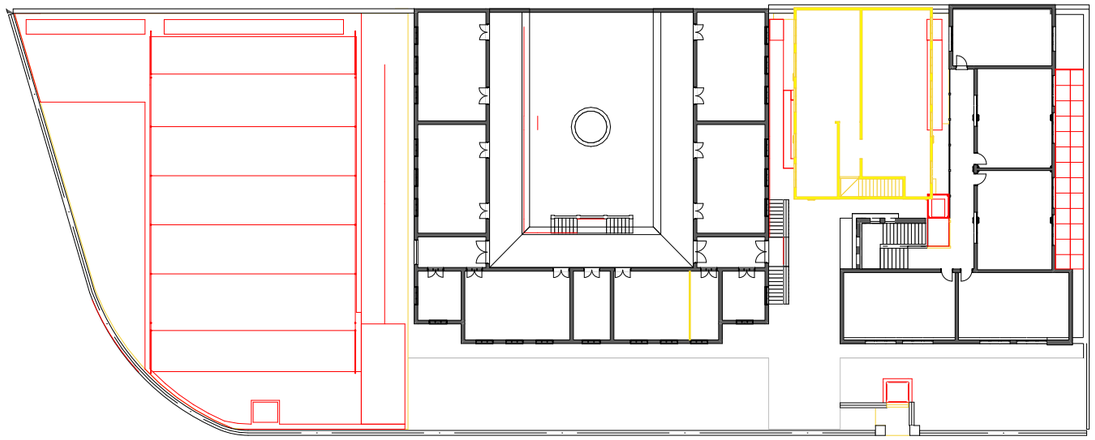
Nível da Rua
Escala: 1:500



N

Construir
Demolir
Manter

Pavimento Térreo
Escala: 1:500



Pavimento Superior
Escala: 1:500

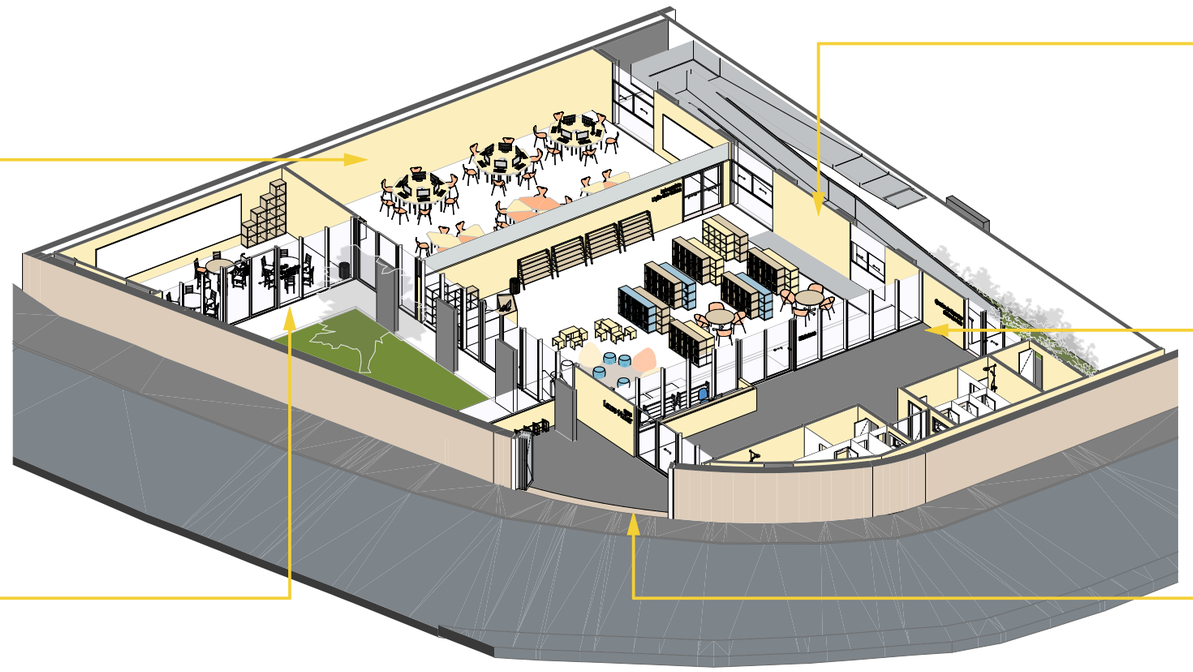
Nível da Rua

Laboratório de "Lição das Coisas"

Esta sala faz referência ao ensino intuitivo aplicado nos Grupos Escolares. A ideia é que ela seja um lugar de suporte a todas as disciplinas fornecendo ferramentas digitais e físicas para a proposta pedagógica. Assim, o aluno pode partir da percepção sensorial para a compreensão do conteúdo de estudo. Nela são encontrados computadores, jogos, materiais artísticos, ferramentas e qualquer outro material didático que a escola entenda útil para o ensino. Isso não impede que o professor leve estes materiais também para a sala de aula, mas a concentração deles na sala facilita a logística e proporciona uma experiência estimulante para o próprio aluno. Esta sala pode ser usada também pela comunidade nos dias não letivos para a oferta de oficinas e uso dos computadores.

Sala de Estudos Coletivos

Este espaço é voltado para a realização de trabalhos e estudos coletivos pelos alunos que demandam debate e troca de ideias. A segregação do espaço em relação a biblioteca permite um nível de silêncio mais flexível.



Biblioteca

A biblioteca foi transferida para o nível da rua e se tornou um espaço chave do projeto, na medida em que articula espaços acessíveis à comunidade e se torna mais próxima dela. Como ela atende tanto os alunos quanto a comunidade externa nos fins de semana, a disposição dos móveis foi pensada para integrar espaços de trabalho e mobiliário de uso infantil de forma lúdica e flexível.

Hall

O Hall de entrada articula a entrada da escola com a biblioteca e demais salas de uso comum entre a escola e a comunidade. O espaço amplo possibilita também a exposição dos trabalhos dos alunos. Nele está situada a recepção da escola e banheiros que atendem a quadra e os ambientes do nível da rua.

Acesso Lateral

O acesso lateral proposto é de uso tanto para os dias letivos quanto para o acesso da comunidade nos fins de semana. A sua posição foi determinada com base na proximidade dos equipamentos de uso comum e da escadaria que liga a rua da escola com a Av. Prefeito Osmar Cunha, cujo fluxo de pedestres é intenso.

Planta Baixa - Nível da Rua

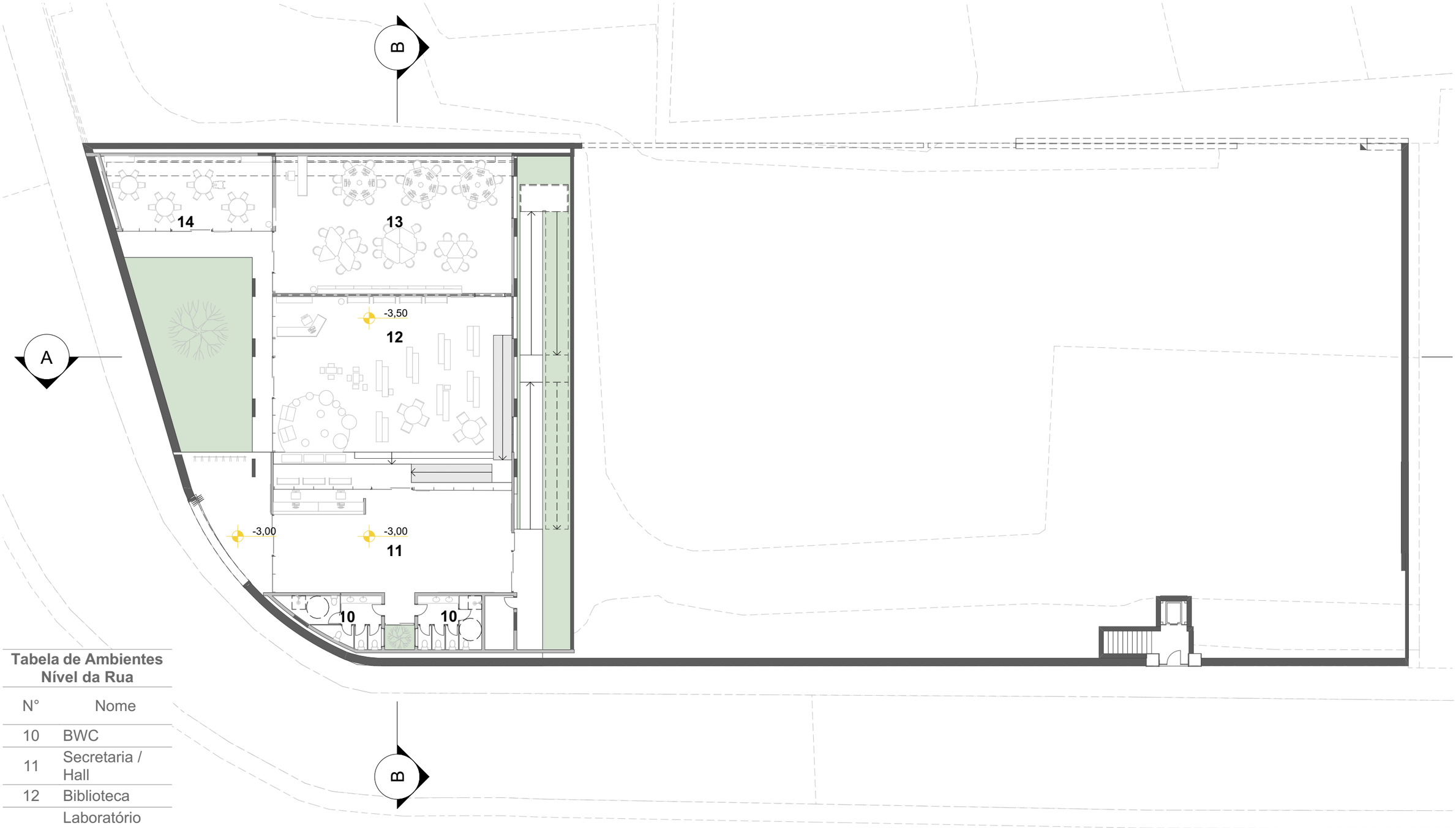


Tabela de Ambientes
Nível da Rua

N°	Nome
10	BWC
11	Secretaria / Hall
12	Biblioteca
13	Laboratório "Lição das coisas"
14	Sala de estudos coletivos

Nível da Rua
Escala: 1:250

Térreo

Pátio Entre Blocos

Com a retirada do edifício da biblioteca e auditório, foi dado espaço a um pátio aberto para recreio. O espaço livre também permite a ventilação e iluminação natural das salas de aula, além de estreitar a relação visual entre o bloco tombado e os ambientes do bloco vizinho. De forma a integrar a rampa de acesso do bloco das séries iniciais ao mobiliário do pátio, foi proposta uma estrutura de arquibancada, a qual além de servir de espaço de estar ao pátio de recreio também pode ser usada em eventos para apresentações de teatro, dança e música.

Cozinha e Refeitório

Pátio Interno

Espaço para brincadeiras e atividades ao ar livre com acesso direto às salas de aula das séries iniciais.

Salas de aula das séries iniciais

Acesso frontal

Acesso frontal foi mantido e incluido um elevador para uso nos dias letivos a fim de facilitar o acesso das pessoas com restrição de mobilidade às salas de aula.

Grêmio Estudantil

Sala dos Professores

Quadra de Esportes

A quadra de esporte foi mantida no mesmo local devido às suas dimensões e a proximidade do acesso lateral da escola.

Pátio Frontal

O espaço em frente ao bloco das séries iniciais se caracteriza por um espaço de passagem e, devido ao acesso facilitado ao guarda-corpo, é proposto que ele seja destinado a atividades mais calmas e contemplativas. Assim, o leiaute é constituído por espaços de estar para conversas e leitura, além de espaço para o plantio de um jardim produtivo que pode ser ferramenta para a proposta pedagógica da escola.

Planta Baixa - Térreo

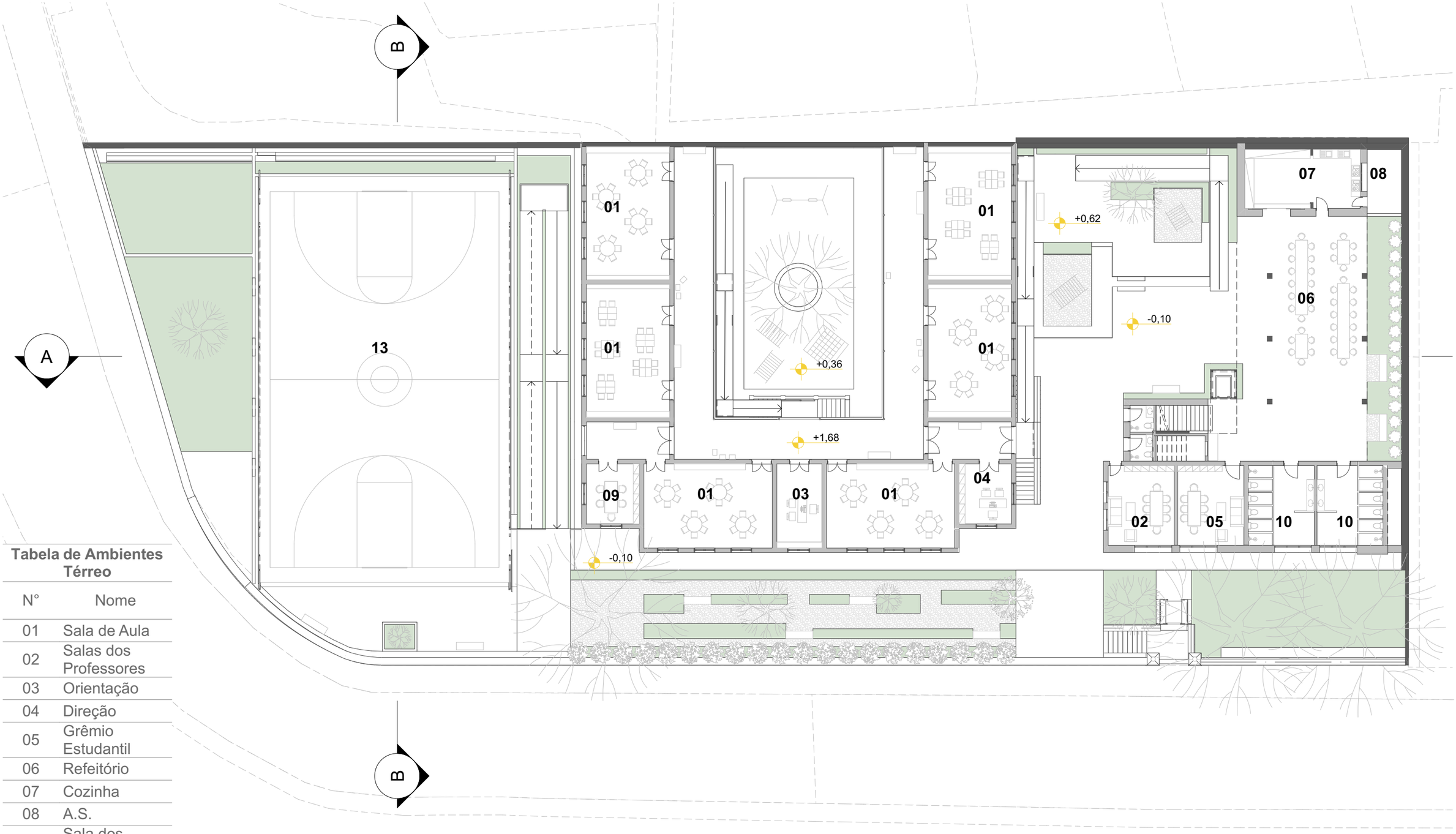


Tabela de Ambientes Térreo

N°	Nome
01	Sala de Aula
02	Salas dos Professores
03	Orientação
04	Direção
05	Grêmio Estudantil
06	Refeitório
07	Cozinha
08	A.S.
09	Sala dos Funcionários
10	BWC
13	Quadra

Pavimento Térreo
Escala: 1:250

Planta Baixa - Pavimento Superior

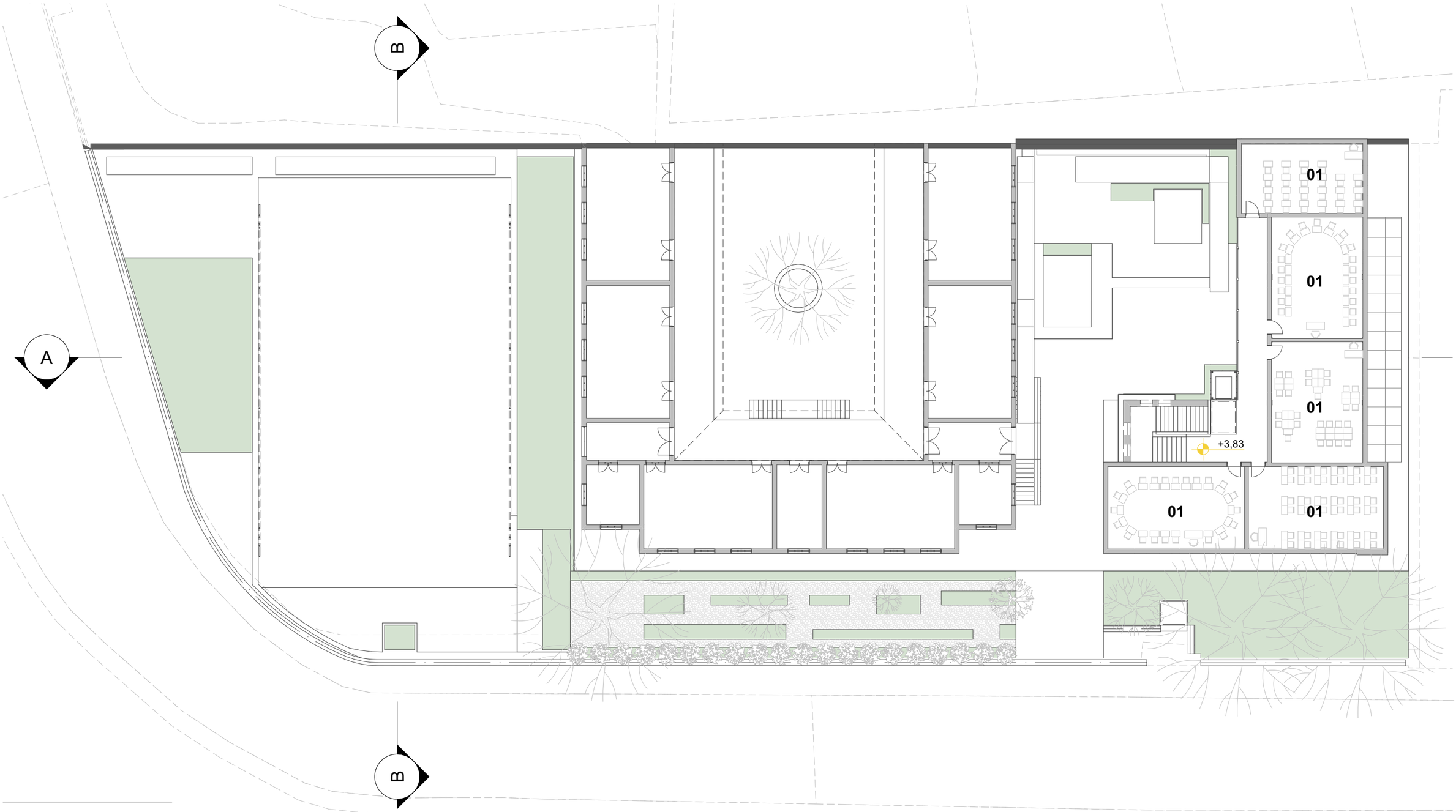


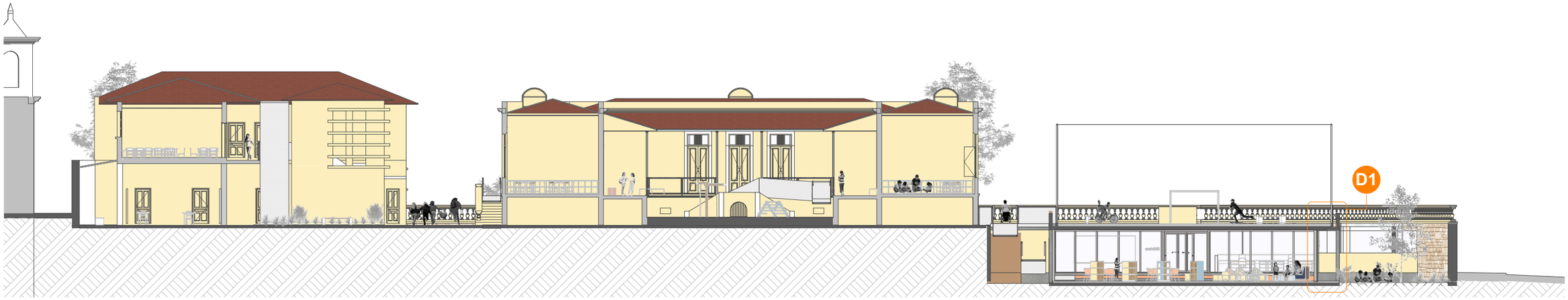
Tabela de Ambientes Pav. Superior

N°	Nome
01	Sala de Aula

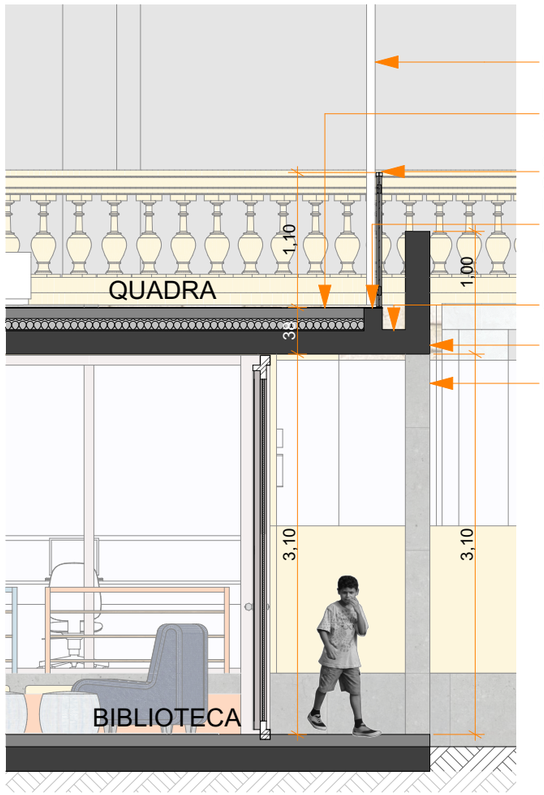
N

Pavimento Superior
Escala: 1:250

Cortes



Corte AA
Escala: 1:250



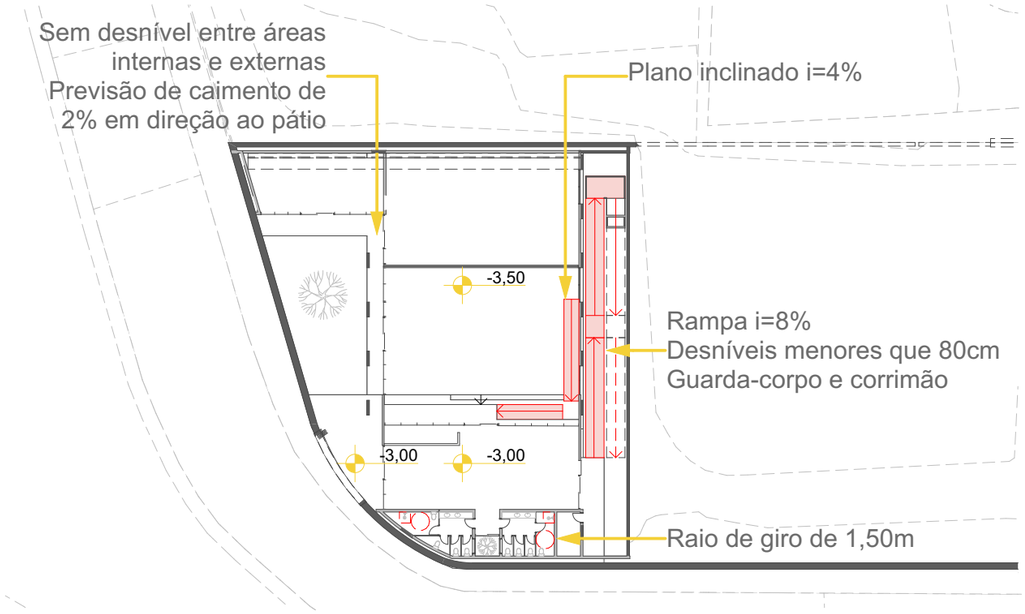
D1

Detalhe 01
Escala: 1:50

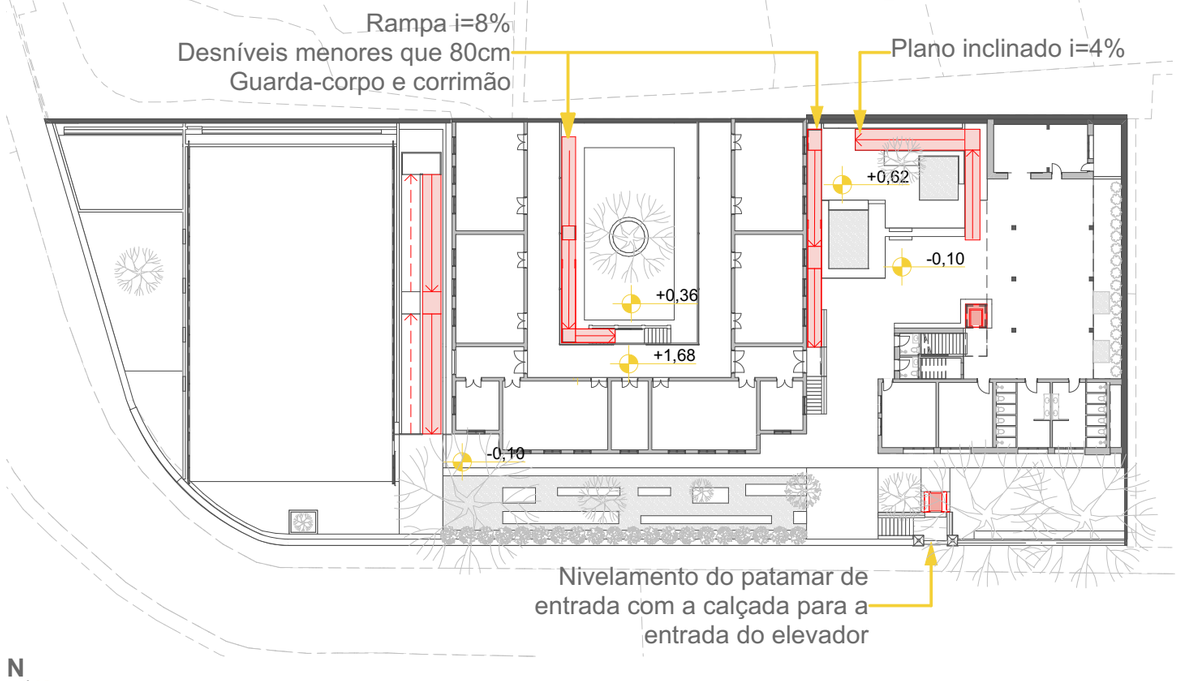
Corte BB
Escala: 1:250

Acessibilidade

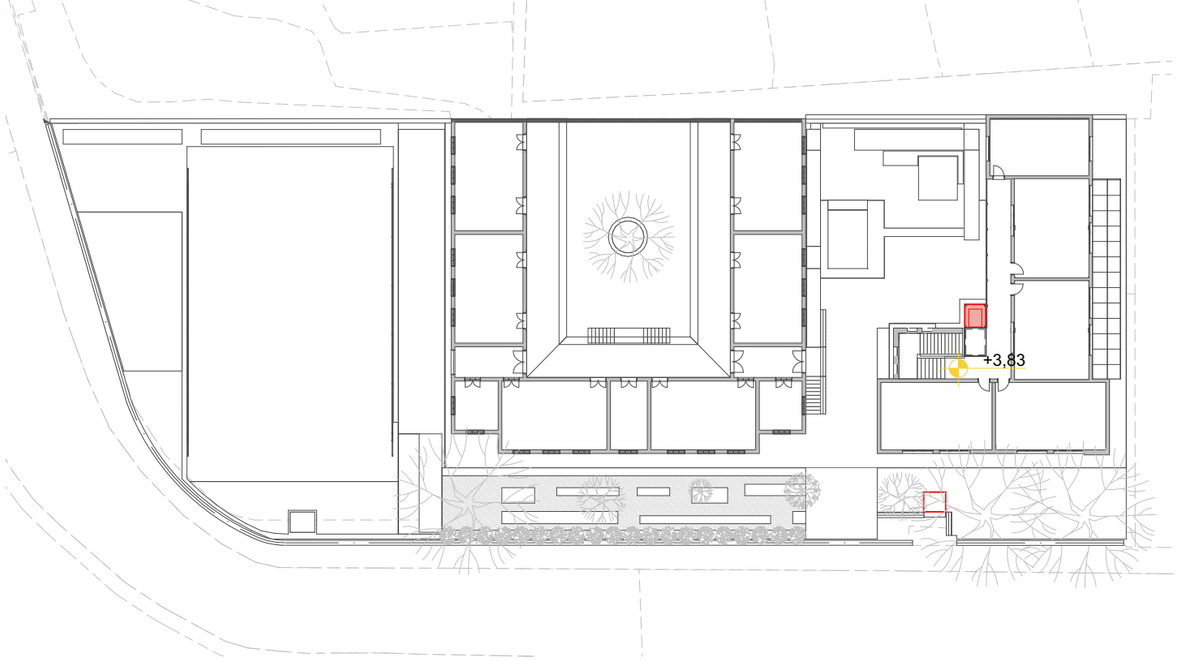
Da fundação dos grupos escolares à atualidade, o posicionamento da sociedade em relação às pessoas com deficiência mudou profundamente. No início dos grupos escolares, a segregação se dava de forma explícita no regulamento dos grupos escolares, classificando as pessoas com deficiência como não matriculáveis. Por consequência, a própria arquitetura existente não levou em consideração a acessibilidade e, na intenção de criar um espaço imponente, implantou uma série de obstáculos de acesso, como escadas nas entradas tanto do terreno como do edifício. Atualmente, o Estatuto da Pessoa com Deficiência, instituído pela Lei nº 13.146 (BRASIL, 2015) atribui ao poder público o dever de garantir acessibilidade aos espaços educacionais, bem como disponibilizar recursos pedagógicos que assegurem o direito à educação em todos os níveis. Assim, um dos desafios do projeto foi conciliar os traços arquitetônicos das edificações existentes com as normas técnicas de acessibilidade definidas na NBR 9050 (ABNT, 2020). Além disso, foram adotadas como premissas a integração das rampas a espaços de permanência e de atividades nos níveis intermediários e a utilização moderada de elevadores para reduzir a necessidade de manutenção.



Nível da Rua
Escala: 1:500



Pavimento Térreo
Escala: 1:500



Pavimento Superior
Escala: 1:500

Referências

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. **ABNT NBR 9050**: Acessibilidade a edificações, mobiliário, espaços e equipamentos urbanos. Rio de Janeiro: ABNT, 2020.

BUFFA, Ester; PINTO, Gelson de Almeida. **Arquitetura e educação: organização do espaço e propostas pedagógicas dos grupos escolares paulistas, 1893-1971.** São Carlos: EDUFSCAR, 2002. 174 p. ISBN 8585173807.

BRASIL, 2015. **Lei nº 13.146**, de 6 de julho de 2015. Institui a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Estatuto da Pessoa com Deficiência). Diário Oficial da União: seção 1, Brasília DF, p. 2, 7 de julho de 2015. Disponível em: <https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2015/lei/l13146.htm>. Acesso em: 13 nov. 2023.

BRASIL, 2017. **Lei nº 13.415**, de 16 de fevereiro de 2017. Altera as Leis n º 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, e 11.494, de 20 de junho 2007, que regulamenta o Fundo de Manutenção e Desenvolvimento da Educação Básica e de Valorização dos Profissionais da Educação, a Consolidação das Leis do Trabalho - CLT, aprovada pelo Decreto-Lei nº 5.452, de 1º de maio de 1943, e o Decreto-Lei nº 236, de 28 de fevereiro de 1967; revoga a Lei nº 11.161, de 5 de agosto de 2005; e institui a Política de Fomento à Implementação de Escolas de Ensino Médio em Tempo Integral. Diário Oficial da União: seção 1, Brasília DF, p. 1, 17 de fevereiro de 2017. Disponível em: <https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2017/lei/l13415.htm>. Acesso em: 13 nov. 2023.

CRE comunica fechamento da EEB Lauro Muller sem diálogo com a comunidade escolar. **SINTE Santa Catarina**, 2019. Disponível em: <https://sinte-sc.org.br/Noticia/8217/cre-comunica-fechamento-da-eeb-laudo-muller-sem-dialogo-com-a-comunidade-escolar>. Acesso em: 07 jul. 2023.

DAMIÃO, Carlos. Patrimônio escolar da Capital que resiste ao tempo. **ND Mais**, 2018. Disponível em: <https://ndmais.com.br/educacao/patrimonio-escolar-da-capital-que-resiste-ao-tempo/>. Acesso em: 07 jul. 2023.

EEB Lauro Müller: Assembleia da comunidade escolar diz não ao fechamento. **SINTE Santa Catarina**, 2019. Disponível em: <https://sinte-sc.org.br/Noticia/8223/eeb-lauro-muller-assembleia-da-comunidade-escolar-diz-nao-ao-fechamento>. Acesso em: 07 jul. 2023.

ESCOLA Modelo da Luz/G. E. Prudente de Moraes. In: ENCICLOPÉDIA Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileira. São Paulo: **Itaú Cultural**, 2023. Disponível em:<http://enciclopedia.itaucultural.org.br/obra21518/escola-modelo-da-luz-g-e-prudente-de-moraes>. Acesso em: 09 jul. 2023. Verbete da Enciclopédia. ISBN: 978-85-7979-060-7.

GONÇALVES, Rita de Cássia Pacheco; PERES, Lino Fernando Bragança. **Arquitetura escolar:** a essência aparece. Fabrica e escola confundem-se no desenho da polivalente. 1996. viii, 232 f. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Ciências da Educação. Disponível em: <http://www.bu.ufsc.br/teses/PEED0122-D.pdf>. Acesso em: 04 out. 2022.

KOWALTOWSKI, Doris C. C. K. **Arquitetura escolar. O projeto do ambiente de ensino**. São Paulo, Oficina de Textos, 2011.

NÓBREGA, Paulo de. “Grupos Escolares: modernização do ensino e poder oligárquico”, *in*: DALLABRIDA, Norberto (Org.). **Mosaico de Escolas: modos de educação em Santa Catarina na Primeira República**. Florianópolis/SC, Cidade Futura, 2003. p. 253-280.

TEIVE, Gladys Mary Ghizoni; DALLABRIDA, Norberto. **A Escola da República**: os grupos escolares e a modernização do ensino primário em Santa Catarina (1911-1918). Florianópolis: Mercado de Letras, 2011.

VEIGA, Eliane. **Florianópolis:** memória urbana. Florianópolis/SC: UFSC, 1993. 390 p. Coleção memória de Florianópolis; v.4.

VIÑAS, Salvador Muñoz. **Teoria Contemporânea da Restauração**. 1. ed. Belo Horizonte/MG: UFMG, 2021. 215 p. ISBN 978-65-5858-027-0.

Imagens

Este trabalho contou com a doação de imagens digitalizadas por parte o Instituto Histórico Geográfico de Santa Catarina (IHGSC) e Casa da Memória.

Instituto Histórico Geográfico de Santa Catarina
Casa José Boiteux. Av. Hercílio Luz, nº 523 - Centro - Florianópolis/SC - Brasil.
Telefone: (48) 3222-5111
E-mail: ihgscsecretaria@gmail.com
Website: https://www.ihgsc.org

Casa da Memória
Rua Padre Miguelinho nº 58 - Centro - Florianópolis/SC - Brasil.
Telefone: (48) 3322-0461
Website: http://www.pmf.sc.gov.br/entidades/franklincascaes/index.php?cms=casa+da+memoria&menu=6